

práticas de leitura literária e escrita no ensino médio:

a vida em biografema

viviane cristina pereira dos santos maraju

Universidade de Caxias do Sul
Pró-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa
Programa de Pós-Graduação em Educação
Curso de Mestrado

Viviane Cristina Pereira dos Santos Maruju

Práticas de leitura literária e escrita no Ensino Médio: a vida em biografema

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade de Caxias do Sul como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Educação.

Orientadora: Prof^a. Dra. Sônia Regina da Luz Matos
Coorientadora: Prof^a. Dra. Flávia Brocchetto Ramos

CAXIAS DO SUL

2018

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Universidade de Caxias do Sul
Sistema de Bibliotecas UCS - Processamento Técnico

M389p Maruju, Viviane Cristina Pereira dos Santos

Práticas de leitura literária e escrita no Ensino Médio : a vida em
biografema / Viviane Cristina Pereira dos Santos Maruju. – 2018.
137 f. : il. ; 30 cm

Dissertação (Mestrado) - Universidade de Caxias do Sul, Programa
de Pós-Graduação em Educação, 2018.

Orientação: Sônia Regina da Luz Matos.

Coorientação: Flávia Brocchetto Ramos.

1. Leitura - Estudo e ensino (Ensino médio). 2. Escrita - Estudo e
ensino (Ensino médio). 3. Livros e leitura. 4. Prática de ensino. I. Matos,
Sônia Regina da Luz, orient. II. Ramos, Flávia Brocchetto, coorient. III.
Título.

CDU 2. ed.: 028.6

Catalogação na fonte elaborada pela(o) bibliotecária(o)
Ana Guimarães Pereira - CRB 10/1460

Práticas de leitura literária e escrita no Ensino Médio: a vida em biografema

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade de Caxias do Sul como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Educação.

Aprovado em 05 de dezembro de 2018.

BANCA AVALIADORA:

Prof^a. Dr^a. Sônia Regina da Luz Matos – orientadora
Universidade de Caxias do Sul – UCS

Prof^a. Dr^a. Flávia Brocchetto Ramos – coorientadora
Universidade de Caxias do Sul – UCS

Prof^a. Dr^a. Nilda Stecanela
Universidade de Caxias do Sul – UCS

Prof^o. Dr^o. Diógenes Buenos Aires de Carvalho/Convidado Externo
Universidade Estadual do Piauí – UEPI

Prof^o. Dr^o. Luciano Bedin da Costa/Convidado Externo
Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS

Dedico esta dissertação às vidas que fazem
da sua existência espaço de experimentações
com *inutilizas*.

agradecimentos

Agradeço à minha orientadora Sônia Regina da Luz Matos pelos múltiplos combates travados em meio a dissertação.

À minha coorientadora Flávia Brocchetto Ramos por deixar-se ir com as experimentações do ler e do escrever.

Ao professor Roque Moraes (*in memoriam*) por uma escritura.

À professora Inês Bueno Kahe pelo cuidado e acolhimento a uma-vida-bolsista.

À professora Betina Schuler por uma provocação de pesquisa ao modo de livro.

Ao Marcelo Maruju pelo companheirismo de uma Vida que se finda.

À Laura Yuki Maruju por afirmar a agonística de uma Vida.

Ao Eduardo Kenzo Maruju pela presença sempre mais na minha Vida.

À Cintia Maruju por cuidar da gente.

À Vida Eliane & Valdocir pela Ruína de um lar.

À Vida Carol & Diego pela presença.

À Jocianne Giacomuzzi Pires por um abraço.

Aos familiares e amigos pelo apoio silencioso.

À Carol Flores por um poema.

À direção e coordenação pedagógica da escola Estadual Maria Araci Trindade Rojas pelo acolhimento da pesquisa na escola.

À professora Taína da Silva Pereira pelas aulas de Língua Portuguesa cedidas para realização da oficina.

Às vidas-de-estudante da turma 203 pelas escrituras-biografêmicas.

Às colegas do grupo de pesquisa *ComJunto-JuntoCom* pelas escrituras na praça Dante Alighieri, nos cafés da cidade de Caxias do Sul e nos gramados da Universidade de Caxias do Sul.

Ao Observatório de Educação da Universidade de Caxias do Sul pelos encontros que engendraram uma-vida-de-professora-pesquisadora.

À professora Lúcia da Rosa por ter me apresentado Manoel de Barros.

À Capes pela bolsa de pesquisa Prosup/Capes.

Por fim (mas sem imprimir finalizações), agradeço à Vida pelas escrituras *ainda* por vir.

que você se divirta com as
infatigáveis de Clarice.

~ Eduardo

Clarice Lispector

TODOS OS CONTOS

Prefácio e organização de
BENJAMIN MOSER

resumo

Implicada com a leitura literária e com a escrita no Ensino Médio, a pesquisa *Práticas de Leitura Literária e Escrita no Ensino Médio: a vida em biografema* toma uma vida. Sempre uma vida. Assim, uma-vida-de-professora pesquisadora, em composição com as vidas-de-estudante do Ensino Médio, faz das práticas de escritura-biografemática seu combate (COSTA, 2017) à redacionalização da leitura literária e da escrita no Ensino Médio. Ao tensionar a perspectiva comunicadora e instrumentadora da língua, trama-se um combate pelas *inutilidades* da língua em uma oficina com as vidas-de-estudante da turma 203 em uma escola da rede estadual da cidade de Caxias do Sul – RS. Assume-se o conceito de escritura do crítico literário francês Roland Barthes (2003, 2004, 2012, 2013) e de biografema (2003, 2005) cujas contribuições possibilitam constituir experimentações entre esses conceitos e o texto literário do poeta Manoel de Barros (1997, 1998, 1999, 2000, 2001, 2004) e a fantasia acadêmica do professor-pesquisador Manoel de Barthes (1981). Sendo assim, o objetivo deste combate é escriturar os fluxos de *inutilidade* das práticas de leitura literária e escrita em uma oficina com as vidas-de-estudante da turma 203. Nesse sentido, pergunta-se: como biografemar as *inutilidades* das práticas de leitura literária e

escrita em uma oficina de escritura biografemática? Quanto ao modo metodológico, o biografema constitui-se pelo modo como se lê e se escreve com as vidas que nos tocam. As práticas de escritura-biografemática engendram com as vidas-de-estudante, em meio à leitura literária, um escape à redacionalização da vida, fazendo a língua escorrer as suas *inutilizas*. Desse modo, a partir de cinco cenas disparadoras da escritura-biografemática são biografemadas as vidas-clichês, a saber: vida-maternidade, vida-sonho, vida-sucesso, vida-infância, vida sortidos e uma-vida e seus fluxos de *inutiliza* como um modo de escapar à redacionalização da vida.

Palavras-chave: Leitura Literária. Escritura. Biografema.

abstract

The research *Práticas de Leitura Literária e Escrita no Ensino Médio: a vida em biografema* (Practices of Literary Reading and Writing in High School: life in a biographema) is implicated with literary reading and writing in high school and it always takes a life, and one life only. Therefore, an all-her-life teacher and researcher, in tandem with her students from class 203, has transformed biographemic-writing practices into her combat (COSTA, 2017) against redacting of literary reading and writing in High School. By pressuring the communicative and instrumental perspective of the language, a combat against the uselessness of the language unfolds. This takes place in a workshop with the students from class 203 in a state school in the city of Caxias do Sul, in Rio Grande do Sul. The concept of writing is taken from the literary critic Roland Barthes (2003, 2004, 2012, 2013), as well as his biographema concept (2003, 2005), whose contributions have made it possible to make up experiments regarding these concepts; the literary text concept is from Manoel de Barros (1997, 1998, 1999, 2000, 2001, 2004) and the academic fantasy is from researcher/professor Manoel de Barthes (1981). The purpose of this combat is to register the uselessness flows of literary reading and writing practices in a workshop with the students of class 203. Therefore, the following step is to wonder: how is

it possible to write biographically the uselessness of literary reading and writing within a workshop of biographemic writing? As for the methodology, a biographema is made up of the way to read and write with the lives which touch us. The practices of biographemic writing connect with the students' lives, amidst the literary reading – an escape from life's redacting – making the language to filter out its uselessness. Consequently, from five triggering scenes of biographemic writing, the cliché lives are biographemed. Specifically, maternity-life, dream-life, success-life, random-life childhood-life and one-life and their flows of uselessness as a means of escaping from the redacting of life.

Key words: Literary Reading. Writing. Biographema.

lista de figuras

- 38** **Figura 1** – Biografema: máquina de escrever inútilezas
- 42** **Figura 2** – Biografema: bilhete de Manoel de Barthes
- 67** **Figura 3** – Biografema: fósseis do bloco de notas
- 69** **Figura 4** – Biografema: fósseis da atenção
- 71** **Figura 5** – Biografema: por um fio
- 73** **Figura 6** – Biografema: escrituração dos fluxos de uma vida
- 76** **Figura 7** – Biografema: uma vida em biografema
- 83** **Figura 8** – Biografema: uma vida-clichê
- 85** **Figura 9** – Biografema: ao modo do cartão de visitas
- 86** **Figura 10** – Biografema: Vida-Maternidade
- 88** **Figura 11** – Biografema: Vida- Maternidade, a continuação
- 92** **Figura 12** – Biografema: Vida-Sonho

95	Figura 13 – Biografema: Vida-Sucesso
97	Figura 14 – Biografema: Vida-Infância
99	Figura 15 – Biografema: Vida-Sortidos
100	Figura 16 – Biografema: Uma-Vida
102	Figura 17 – Biografema: Uma Vida em segunda chance
106	Figura 18 – Biografema: uma-vida-de-professora-pesquisadora
112	Figura 19 – Biografema: uma-vida-de-estudante
114	Figura 20 – Biografema: uma-vida-de-estudante-escola
119	Figura 21 – Biografema: uma-vida-de-professor-pesquisador
128	Figura 22 – Biografema: uma vida que segue escriturando
130	Figura 23 – Biografema: assinatura de Manoel de Barthes-pesquisador

sumário

23	A introdução
29	O combate
29	A cena: a redacionalização da vida
31	Leitura literária e escrita como combate
40	A escritura-biografemática: não terás mais ideias, terás chuvas, tardes, ventos e teias
40	A cena: a máquina de escrever <i>inutilezas</i>
44	Escrever a leitura
50	Escritura-biografemática: as <i>inutilezas</i> de uma vida
56	Os fósseis de uma oficina
56	A cena: a leitura das preposições
58	Introdução aos fósseis oficinais
60	Fósseis de saudade
66	Fósseis do bloco de notas
68	Fósseis da atenção

70	As escrituras biografemáticas
70	A cena: por um fio
72	Os fluxos: a escrituração dos “dados” de pesquisa
79	A vida em biografema: as <i>inutilizas</i> em meio aos clichês
82	Escritura-biografemática: uma vida-clichê
104	As vidas em biografema
104	A cena: Manoel de Barthes *13.11.2014 † 12.11.1915
105	Uma vida de professora-pesquisadora
111	Uma vida-de-estudante
118	Uma vida-de-professor-pesquisador
122	As conclusões
131	Referências

a introdução

Uma vida. Sempre uma vida em suas variadas distâncias, apegos e agruras. Uma vida. Sempre uma vida que abriga invisibilidades, instrumentalidades e preparação para o futuro. Uma vida. Sempre uma vida que se faz matéria de escritura, que se faz também abrigo para as *inutilidades* linguais. Uma vida. Sempre uma vida a combater a redacionalização das vidas-de-estudante que, tomadas pela preparação para o futuro, anseia por uma lidação menos comunicativa e mensageira com a língua.

Enquanto imanência, uma vida instaura condições e possibilidades para a constituição de uma individuação sem sujeito, cuja potência não depende de um ser; na medida em que “a vida do indivíduo deu lugar a uma vida impessoal, mas singular [...]” (DELEUZE, 2002, p.12), ao engendrar experiências de contaminação pelas *inutilidades*: os restos, os remendos, os imprestáveis, os invisíveis, são tomados como fluxos de singularidades de escritura a orvalhar a leitura literária e a escrita.

Ler e escrever uma vida em biografema implica em ler e escrever com os trapos e os tropeços, ou seja, com as *inutilidades* de uma vida que não serve nem para remendo, nem para atribuir uma nota e muito menos para ensinar. Nessa lidação es-

critural, a leitura literária e a escrita são contaminadas pelas *inutilidades*, pelos pormenores, pelos gestos e pelas inflexões que instauram fissuras, ranhuras e rasgos em uma língua cujas predominâncias instrumentais não possibilitam fazê-la derivar, na medida em que se reveste apenas do peso da utilidade, do uso e da serventia da língua.

Uma lidação ao modo biografemático, com a leitura literária e com a escrita, constitui-se como o combate que uma-vida-de-professora-pesquisadora engendra como um escape mínimo à instrumentalização da língua e seus devires utilitários. Nesse sentido, ocorre-me perguntar: como biografemar as *inutilidades* das práticas de leitura literária e escrita em uma oficina de escritura biografemática?

A interrogação engendrada pela pesquisa *Práticas de Leitura Literária e Escrita: no Ensino Médio: a vida em biografema*¹

1. A arte da dissertação *Práticas de Leitura Literária e Escrita: a vida em biografema* é amplamente contaminada pelos devires do livro *Vício*, de Pedro Guerra. Ao autor agradeço o vício de escrever com a vida. As contaminações pela arte tomam as escrituras-biografemáticas produzidas em meio a pesquisa como um plano de conteúdo para engendrar a constituição de um plano de expressão (DELEUZE, 2017). Tal engendramento se faz necessário e mesmo indispensável ao combate instaurado por essa pesquisa; na medida em que o modo de expressão de um *livreto-biografemático* muito bem acolhe as escrituras em seus devires de chuvas, tardes, ventos e teias. Afinal, o que temos é um modo de ler e de escrever que transborda as utilidades linguais, os limites escolares da contabilidade notal e ainda tensiona a costumeira e acostumada folha A4; fazendo com que as escrituras-biografemáticas assumidas sob a forma de uma dissertação, convoque o leitor a estabelecer com ela uma leitura *irrespeitosa e apaixonada* (BARTHES, 2012, p.26) *ainda* por vir.

visa a constituir experimentações pelo orvalhar literário e criar condições para fantasia acadêmica com a vida do professor-pesquisador Manoel de Barthes. Ora, bem sei o quanto tal problema de pesquisa, implica em “provocar os desvios femininos, animais, moleculares, e todo desvio é um devir mortal. Não há linha reta, nem nas coisas nem na linguagem” (DELEUZE, 2002, p.12). Também sei que o texto literário é um espaço no qual uma-vida-de-professora-pesquisadora trama com a vida do professor-pesquisador Manoel de Barthes e intui como objetivância principal de pesquisa biografemar as *inutilidades* das práticas de leitura literária e escrita em uma oficina de escritura biografemática.

Sei, contudo, que frente ao problema de pesquisa e seu objetivo principal, o que tenho a oferecer é *apenas* uma tentativa em meio a uma vida que transborda pela impessoalidade de alguns devires (delírios) femininos. Uma tentativa que trama também objetivos específicos como: engendrar um combate à redacionalização das vidas-de-estudante; b) constituir pela escritura, ao modo biografemático, uma escritura-biografemática e c) constituir um espaço-oficinal para as experimentações com a leitura literária e com a escrita.

Quando se institucionaliza a escrita com predominâncias redacionais e seus rituais de correção, o ler e o escrever passam a ser um instrumento para a feitura de uma vida que vive em

função do futuro e da competitividade e que vive, então, assomada por uma escrita cuja necessidade é de tornar-se útil. Uma vida que nega o presente; na medida em que ele passa a ser tomado apenas como sala de espera de uma vida que parece ser possível em um futuro distante e que, desse modo, demanda uma preparação para.

Ao buscar escapes à redacionalização do viver, tanto as vidas-de-estudante quanto uma-vida-de-professora-pesquisadora singularizam-se

*[...] entre-tempos, entre momentos. Ela não sobrevém, nem sucede, mas apresenta a **solidão do tempo vazio** no qual vemos o acontecimento ainda por vir e o já ocorrido, no absoluto de uma consciência imediata (DELEUZE, 2002, p.12, grifo nosso)*

Ao engendrar pela leitura literária e pela escrita não somente uma recusa (com todo pavor e terror de fazê-la em tempos de um Brasil disseminado pelo microfascismo, que também atravessa a língua), mas, principalmente, um escape possível em meios a tantas impossibilidades.

Engendrar um escape à redacionalização das vidas-de-estudante implica em tropeçar diante das certezas e afins que carrego na algibeira de mim; implica de igual modo não paralisar-me diante do queixume, do “tu deves” professoral, ou

seja, do ressentimento (NIETZSCHE, 2009) e, assim, deixar escapar a experiência pelo ler e pelo escrever as *inutilidades* de uma vida em biografema.

Faz-se necessário tramar um plano para o combate engendrado pela escritura ao modo biografemático. Para tanto, entro em composição com a escritura do professor andari-lho noturno francês Roland Barthes (2003, 2004, 2012, 2013a e 2013b), com o poeta brasileiro especialista em achadouros de *inutilidades* Manoel de Barros (1997, 1998, 1999, 2000, 2001, 2004), com a fantasia acadêmica do professor-pesquisador Manoel de Barthes (1981) e, ainda, com o perscrutador de biografemas de estátua de nuvens, o professor Luciano Bedin da Costa (2017, 2011). Junto deles e em meio e seus dev(L)ires escriturais engendro a metodologia e o texto dissertativo como fusão de uma escritura-biografemática. Elas se fazem pelas experimentações de *inutilidade* com o ler e o escrever em uma oficina, junto aos estudantes do Ensino Médio de uma escola pública de Caxias do Sul.

Para tanto, escrituro cinco cenas disparadoras do combate, a saber:

I. É preciso começar de um ponto, começo pelo combate cuja cena intitulada “A redacionalização da vida” apresenta os pressupostos de uma política do texto e suas implicações com uma leitura literária e uma escrita que não se limitam a comunicar mensagens e ser apenas o instrumento de uma língua.

II. Dando a ver os engendramentos necessários para a constituição de uma escritura-biografemática, a cena “A máquina de escrever *inutilezas*” provoca uma-vida-de-professora-pesquisadora a escrever com as suas *inutilezas*.

III. Ainda sob o signo da provocação e do desconforto que insiste em colocar o dedo na nossa cara, trago os tensinamentos acerca da leitura de um texto de predominâncias gramaticais cuja cena “A leitura das preposições” também introduz as fossilizações do vivido na oficina.

IV. Já na cena “Manoel de Barthes *13.11.2014 † 12.11.1915”, as vidas em biografema são mostradas de modo a dar a ver os gestos, os gostos e os pormenores que constituem essas vidas, explicitando as (im) possibilidades do engendramento de um combate à redacionalização das vidas-de-estudante.

V. Antes da conclusão, porém, temos o último fio dessa trama cuja cena “Por um fio” apresenta as vidas-clichês e seus fluxos de *inutlieza* a transbordar pela escritura-biografemática.

Antesmente de finalizar, essa introdução, e por ter a companhia de Manoel de Barthes, convidamos, eu e Manoel, a cada leitor desta escritura-biografemática assumida em forma de uma dissertação, a fazer uma leitura ao modo escritural (*ir-respeitosa e apaixonada como incentivava Roland Barthes*). Um modo que autoriza a todos e a cada um de nós a fazer suas rasuras de pensamento, abrindo fissuras a fim de trazer mais vida para o texto acadêmico; fazendo pela leitura das *inutilezas* uma nova escritura.

o combate

a cena: a redacionalização da vida

A partir da aula de Língua Portuguesa com a turma 203 e o tema da redação sendo “A Escola Pública: possibilidades e desafios” (essa era a manchete do jornal de domingo daquela semana, apresentando as propostas dos candidatos à Presidência da República), considero importante tomar o ano eleitoral para olharmos com atenção e cuidado as precariedades que tomam conta da nossa escola (a interdição da sala de vídeo por risco de desabamento era apenas uma delas). Como normalmente faço nas aulas de redação, escrevo no quadro o esquema do texto dissertativo e peço para que eles anotem, no bloco de redação, o que eles executam sem questionar e, quase automaticamente, iniciam a escrita da redação; sempre seguindo o esquema apresentado.

Nessa manhã chuvosa de inverno, contudo, algo se rompeu nesse equilíbrio do universo redacional da vida. O abalo veio ao modo de uma pergunta que me deixou muda: ***“Sora, a gente só escreve texto assim. Hoje a gente não podia escrever um conto, uma poesia, ou quem sabe uma música com esse tema?”***. Fiquei muda por alguns instantes que parece-

ram uma eternidade, o meu pensamento pareceu ter fugido de mim, e eu corria como uma desesperada atrás dele, queria segurá-lo pelo rabo da razão (embora soubesse que a razão havia sido nocauteada pelo incômodo que aquela pergunta instaurou em mim e em todos na sala) e, não sem espanto e medo, pude sentir o peso da hesitação que tomava conta de toda a sala. Foi somente porque alguém perguntou se podia ir ao banheiro que eu voltei a mim e me lembrei da “tal pergunta”. Sim, a redação devia ser mantida. A escrita, em ordem, atendia aos pressupostos de coerência, coesão e, sobretudo, a norma culta. Acontece que os textos sugeridos pela vida-de-estudante não atendiam aos anseios redacionais importantes para o futuro desses jovens, pois tais textos não conseguiam desenvolver de modo objetivo e crítico uma temática tão complexa (para ficarmos apenas em uma das condições necessárias aos cumprimentos das exigências redacionais de uma vida). O que fora solicitado era a mais incoerente e absurda ideia. Afinal, como preparar essas vidas para o ENEM, solicitando a escrita de textos de ficção, textos que atendem as demandas de imaginação e não da realidade. Quanta bobagem, pensei, e esperava, de fato, não ter deixado escapar aquele sorriso sarcástico e ácido que toma conta de mim quando ouço bobagens tamanho extra G. De volta à sala de aula (o pensamento objetivo e racional estava de novo no comando), vi que a turma esperava por uma resposta, ao mesmo tempo em que já se encharcava da alegria de escrever “(des)redacionalmente” (alguns já haviam separado os lápis de cor, outros estavam recortando papéis coloridos e um grupo cantarola-

va uma melodia). Percebi, naquele momento, que pouco importava a minha resposta, a minha palavra não seria ouvida, simplesmente porque eles haviam percebido que suas vidas não cabiam em um esquema dissertativo-argumentativo (introdução, desenvolvimento e conclusão; além, claro, de uma proposta de solução de problemas). Pois bem, restava ainda o exercício de poder que garante a uma-vida-de-professora o tão conhecido “domínio de turma”. Foi sem ser ouvida, mas com a certeza de que a palavra final seria minha que exclamei um: ***“Tudo bem! Redação livre hoje. Mas vou avaliar com uma nota menor; afinal, escrever um conto, música ou poesia está mais para a aula de Literatura, né?”***

leitura literária e escrita como combate

Tomar a leitura literária e a escrita com as vidas-de-estudante da turma 203 como a prática de escritura das *inutilidades* da língua, implica em tramar pela escritura (BARTHES, 2004, 2013a e 2013b) ao modo de biografema (BARTHES, 2003, 2015; PER-RONE-MOISÉS, 1985) uma política do Texto (COSTA, 2017) para a constituição do combate à redacionalização das vidas-de-estudante, cujo objetivo

*não é uma simples defesa da escrita,
mas a garantia a certa política. Não
estamos querendo com isso defender*

*a literatura, o romance, a ficção – as formas, aqui, não nos parecem mais importantes. Por **política** entendemos justamente o exercício de resistência às formas, visto que se faz eminentemente em uma relação de forças – as formas, inclusive, são derivações destas mesmas relações. (COSTA, 2017, p.14, grifo do autor)*

Assim, engendro pela escritura das *inutilezas* uma política do texto que instaura uma recusa à redacionalização das vidas-de-estudante, ou seja, constitui pelas *inutilezas* da língua um combate. O que o combate pelas *inutilezas* permite antesmente de constituir-se é a experimentação de uma certa vadiagem com a leitura literária e a com a escrita; resistindo, desse modo, à redacionalização das vidas-de-estudante que, contaminada pela escrivência (BARTHES, 2013) de introduções, desenvolvimentos e conclusões (sem esquecer, claro, da proposta de intervenção social; afinal, é preciso estar aparelhado para a solução de problemas), desconsidera que uma-vida-de-estudante também pode abrigar encantamentos para o escorrimento lírico.

Vale lembrar que a resistência em nada se refere a suportar ou aguentar as vicissitudes da vida, algo que tende a ganhar facilmente contornos de superação. A resistência engendra da pelo combate com as *inutilezas* da língua, avizinha-se mui-

to mais dos traços de uma recusa: a de escrever a redação para o professor corrigir.

Em meio aos traços de uma recusa que o resistir define-se exatamente pelo avesso do aguentar, pois implica em instaurar uma recusa pelo escape às formas. Na esteira dessa recusa como escape que a sensibilidade de Manoel de Barthes, dispara um modo perscrutador dos restos, dejetos, trapos e folhas secas de nuvens para criar condições e possibilidades para viver, pelas *inutilizas* da língua, a leitura literária como combate, à *la* Manoel de Barthes.

Implica ainda pensar a leitura literária como um espaço para experimentações com a língua em uma turma do Ensino Médio. Embora seja possível também instaurar tal combate em outras etapas da Educação Básica (respeitando as singularidades inerentes a ela).

Afinal, é a sala de aula que acolhe as vidas-de-estudantes e seus encontros com a língua e a literatura; de modo separado, infelizmente. Mesmo assim, é em sala de aula que uma vida, sempre uma vida, pode viver as *inutilizas* de uma língua.

Ora, afirmar a sala de aula como um espaço de experimentação com a língua (seja nos atravessamentos provocados tanto pela leitura quanto pela escrita; pensando sempre que estamos tomando essas práticas como escritura) é o nosso combate a fim de dar visibilidade, concretude, corpo e voz aos rumores de uma língua que não se limita a compreender o lido e escrever o compreendido; mas que também e, sobretudo, se

inscreve como um modo de ler e escrever com as vidas que nos tocam.

Tomar a escritura como um modo de combate (COSTA, 2017) no interior da própria língua que, como tal, visa a produzir com e pela linguagem novas possibilidades de vivenciar essas práticas no âmbito escolar e mesmo fora dele. Se, para o crítico literário francês,

*a escritura é **a prática de escrever**. Nela visto, portanto, essencialmente, o texto, isto é, o tecido dos significantes que constitui a obra, porque o texto é o próprio aflorar da língua, e porque é no interior da língua que a língua deve ser desviada” (BARTHES, 2013a, p. 17, grifo nosso).*

Oportunizar as vidas de estudante experimentações com língua e não somente *sobre* a língua implica em deslocar as práticas de leitura literária e escrita da costumeira e acostuada lidação de *falar sobre* para *fantasiar experimentações com o texto, com o outro em meio a vida*.

Ainda com Costa (2017), necessitamos mais do que uma defesa da escrita, na medida em que o que está implicado acerca do ler e do escrever não é apenas o ensino de uma habilidade (amplamente defendida como condição para a cidadania), mas

uma política da escrita [que] se faz sob a lâmina fina da atenção capaz de nos ajudar a pensar as escritas que nos assediam, os textos que lemos e escrevemos, os usos e subserviências da linguagem escrita em nosso tempo presente. (p.14).

Uma política de Texto que instaure fissuras, empreenda ranhuras e possa, minimamente, constituir escapes de lidação com a língua que não se limite a tomá-la como uma ferramenta.

Nesse sentido que, ao realizar práticas de leitura literária e escrita com as vidas-de-estudante a partir das *inutilidades*, estabeleço um novo regime de valores. Um regime que possibilite a essas vidas um certo descanso de serem vidas úteis e preparadas para o futuro.

Bem sei que a dupla: *utilidade* e *futuro* andam sempre de mãos dadas e têm como propósito desconsiderar o que se passa no aqui e no agora das vidas-de estudante; legitimando a obliteração do presente, na medida em que, só há espaço para a preparação de uma vida no futuro e não para a vida que teima em escorrer no presente.

A exemplo, só para não deixar dúvida, cito a escrita como passagem para a universidade, passaporte para a vida profissional. Mas existe um meio no qual a vida acontece.

Se por um lado é inegável a importância das habilidades de leitura e escrita para as vidas-de-estudante de Ensino Médio, sabemos igualmente da necessidade de

*nos tornarmos mais **atentos** e sensíveis diante do que lemos e escrevermos, despertos diante da trágica duplicidade da palavra, o que já nos parece um empreendimento e tanto (COSTA, 2017, p.22, grifo nosso).*

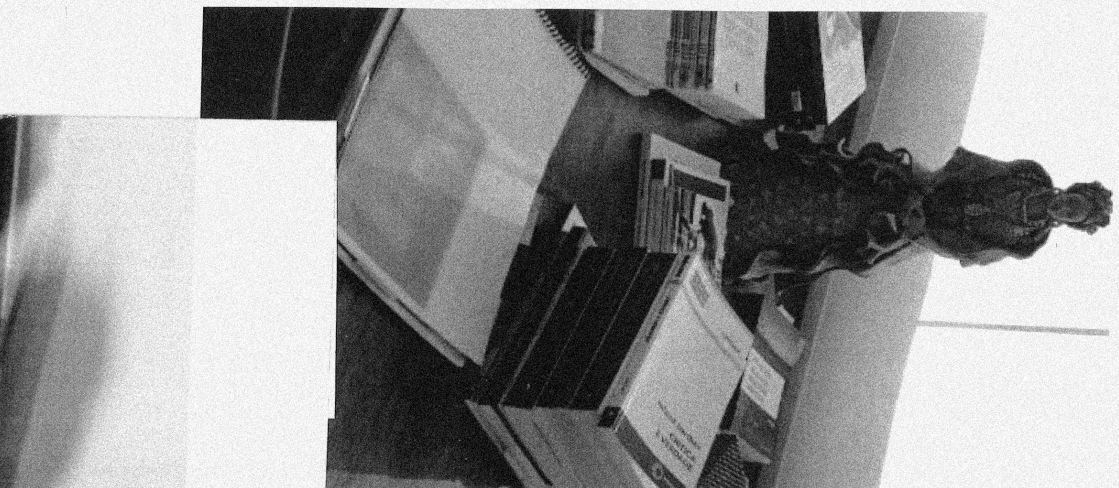
Isto é, estar atento, é estar presente no vivido que nos atravessa. Afinal, é no orvalhar-se pela leitura literária de Manoel de Barros, bem como de Manoel de Barthes, que se torna possível a constituição de uma escritura-biografemática como zona de vizinhança a engendrar o combate à redacionalização da vida.

Assim, não cabe tomar a escritura como uma prática para a preparação de um futuro de sortidos propósitos: futuro-habilidade, futuro-competência, futuro-felicidade, futuro-sucesso profissional, futuro-sucesso social; futuro-salvação; na medida em que escritura é intransitiva; logo se encerra em si mesma.

Contudo, tal intransitividade, por sua vez, é o que permite constituir espaços para os exercícios de resistências e escapes que, junto às vidas-de-estudante do Ensino Médio, podem singularizar uma vida que lê escrevendo e escreve lendo. Importante, ainda, ressaltar que é na sala de aula, ou seja, no espaço constituído com a vida-de-estudante que travamos os mais intensos combates com o texto literário. Afinal, é na escola, ou mais precisamente, em aula, que o texto literário pode funcionar como disparador de rumores, junto ao ato de escrever com uma prática de linha de vida.

Figura 1 – *Biografema: máquina de escrever inutilizadas*
Fonte: Autoria própria, 2018





a escritura-biografemática: não terás mais ideias, terás chuvas, tardes, ventos e teias

a cena: a máquina de escrever *inútil*ezas

Às voltas com a entrega das notas de final de trimestre e das preocupações e cansaços movimentados pelo conselho de classe previsto para aquela tarde, ouço tocar o interfone e, ao atender, do outro lado, uma voz rouca e impaciente grita: ***“Encomenda! Por favor, traga um documento com foto”***. Não espero encomenda nenhuma e a curiosidade disparada pela entrega inesperada drena a pouca concentração que ainda me resta. Desço, recebo a encomenda, subo as escadas e fecho a porta atrás de mim (não sem antes olhar desconfiada para aquela entrega), abro o pacote que desnuda uma linda caixa em marchetaria; em seguida, abro a caixa lentamente e, para meu espanto, uma reluzente máquina de escrever que mais parecia ter saído de algum filme da série *Harry Potter* emerge de suas profundezas. Pensei: ***“Para que mesmo serve uma máquina de escrever? O que fazer com um trambolho desses?”***. A resposta que brota em mim sai em um jato:

“Ela não serve para nada!”. Não servindo para nada útil, inovador e que, por exemplo, pudesse acabar com a tortura do preenchimento daqueles diários de classe, não deveria me fazer perder tempo em divagações; afinal, uma montanha de diários de classe espera-me na mesa ao lado. Deixo a máquina abandonada em um canto da mesa e saio para a sacada na esperança de poder respirar com mais facilidade. Inspiro, suspiro, uma, duas, três vezes e o coração descompassado pela ansiedade em ver as tarefas concluídas não deixa questionar uma vida, sempre uma vida. Não sem muito esforço, volto para a tortura dos diários e, por mais que tentasse, só conseguia pensar na máquina de escrever. Foi então que não resisti mais e num impulso tiro a máquina de dentro da caixa e coloco a primeira folha de papel em branco (das quase 150 que seriam escrituradas ao longo dos próximos meses). Assim, num misto de alegria e incerteza, lanço a escrever com as *inutilizas* de uma-vida de professora-pesquisadora. Somente quando a noite chega, percebo que não fui à reunião do conselho de classe ; nesse exato momento encontro escondido em um canto da caixa um bilhete:

BILHETE A

UMA VIDA DE PROFESSORA-DESGUISADORA

Não concordo com você que disse:

"Ela não serve para Nada!".

Você não imagina o quanto ela te ajudará
a escriturar as inutilidades de uma
VIDA.

De sempre seu,

Manoel de Barthes

Figura 2 – Biografema: bilhete de Manoel de Barthes

Fonte: Autoria própria, 2018

Escriturar-biografematicamente implica também em engendrar escapes frente à escrita como inspiração e suas reverberações idealizadas e idealizantes. Tal escrita instaura a busca incessante pelos clichês, ou seja, pelas repetições das formas redacionais que, ao modo de preparação para o futuro, impedem as contaminações de trapos, restos e dejetos que podem tão bem ranhurar a escrita-inspiração, tomando ela mais pelo seu modo obtuso, confuso e de tranqueira do que pelas suas predominâncias ideacionais.

Descorre, então, que escriturar-biografematicamente implica em assumir para si que “não terá mais o condão de refletir sobre as coisas. Mas terá condão de sê-las. Não terá mais ideias: terá chuvas, tardes, ventos, passarinhos...” (BARROS, 1998 p.17), do mesmo modo que *com e junto* a uma vida, sempre uma vida; é possível assumir pela leitura literária e pela escrita um modo para “*esvergar* seu idioma ao ponto de alcançar o murmúrio das águas nas folhas das árvores” (BARROS, 1998, p.17, grifo nosso).

Quando a escritura-biografemática movimenta as fossilidades de uma vida, ela passa também a exigir que a escrevência seja diminuída; dando *mais espaço para gestos escriturais que podem ser também datilografados por uma máquina de inutilidade*. Tal modo funciona melhor quando escritura-se a vida mais pelas suas *inutilidades* do que pelas informações que insistem em comunicar.

A máquina de escrever *inutilidades* que recebi de Manoel de Barthes assume bem essa vocação escritural. Ela instaura e

restaura gestos, pormenores e inflexões cujas reverberações vão desde uma lidação datilográfica (que faz a escrita escorrer pelos dedos dançantes em teclas duras e frias); com a prática de escrita até a fossilização das ideias idealizantes e disseminadora das impossibilidades de ler e escrever para viver os possíveis e não os ideais de uma vida, sempre uma vida.

escrever a leitura²

Para o crítico literário francês Roland Barthes (2013a), a escrita, a literatura e o Texto constituem-se em um corpo, cuja força está em engendrar recusas e resistências ao poder exercido pela língua. Poder que, de modo prescritivo, estabelece, ao mesmo tempo, tanto os limites da leitura quanto da escri-

2. Escrever a leitura é, pois, constituir um espaço para a instauração de um escape mínimo diante da soberania do escritor, ou seja, da primazia do autor como o único responsável pela constituição dos significados do texto. Para Barthes (2012, p. 26), a leitura trata-se de um jogo que não visa à distração daquele que lê, mas que se constitui como um trabalho de disseminação dos afluxos de ideias, das excitações e associações produzidas em meio à leitura. Uma leitura que nos faz levantar a cabeça; demandando do leitor um exercício constante de interrogação e tensionamento acerca daquilo que está lendo. Algo que tem mais contornos de um “suplemento de sentido” do que da busca pela interpretação verdadeira, isto é, a busca por um deciframento do que o autor quis dizer. Logo, a prática de escrever a leitura pode ser compreendida enquanto uma corrida de revezamento, na qual as trocas de bastão se dão constantemente ao longo da prova. Nesse sentido que ao escrever a leitura, o leitor instaura esse revezamento no qual a escritura decorrente dessa leitura se faz de modo “*irrespeitosa*, pois que corta o texto, e *apaixonada* pois que a ele volta e se nutre (p.26)”.

ta; mas, principalmente, os limites e modos como penso essas práticas. Assim, para Barthes, ler e escrever não podem ser vistos apenas como instrumentos de comunicação e transmissão de mensagens.

Frente ao caráter prescritivo da língua, a escritura barthesiana cria condições e possibilidades para a instauração de resistências e recusas; constituindo-se em Ruína (BARROS, 2000, p. 31) para as *inutilidades* da língua. Para fazer frente a esse caráter prescritivo da língua é que engendro, em meio às práticas de leitura literária e às práticas de escrita, um modo de lidação que não dissocia leitura literária de escrita e, de igual modo, a prática da teoria.

Bem sei que, teoria e prática enquanto representações do real estabelecem uma relação de semelhança; seja pela perspectiva idealista, materialista ou dialética a teoria só pode ser considerada “verdadeira” quando efetivada no real, ou seja, comprovada pela prática que dela se faz. (GALLO, 2010).

No entanto, ao deslocar o conceito de prática do terreno da representação e tomá-lo a partir da perspectiva da filosofia da diferença, passo a estabelecer outra relação entre teoria e prática, na medida em que a relação de aplicação nunca é de semelhança, pois o que temos é uma “espécie de revezamento” entre teoria e prática, ou seja,

trata-se de perverter o platonismo, produzindo uma filosofia da multiplicida-

*de, fora do contexto da representação; ai já não faz mais sentido as clássicas relações entre teoria e prática, mas coloca-se um **primado da ação**.*” (GALLO, 2010, p.54, grifo nosso).

A perspectiva de prática assumida nas experimentações com a língua, que toma a escritura como combate e o biograma como modo de ler e escrever com as vidas que nos tocam, não é, pois, a aplicação de uma prática para a efetivação de determinada teoria, mas, justamente, o seu revezamento constante; na medida em que, ao ler, eu subverto o lido; a fim de constituir um outro texto que não sintetiza ideias do anterior, isto é, o texto escriturado não apresenta a compreensão do lido, mas a sua multiplicidade de possibilidades.

Nesse sentido que, a escritura, mobiliza – no interior da própria língua – forças de subversão, a fim de fazer com que a língua também possa gaguejar, ou seja, possa ser tocada por uma instabilidade, que permite constituir escapes para pensar a língua sem a obrigatoriedade da instrumentalização. Na medida em que pensar “não é uma faculdade natural, é uma descoberta, um encontro: a forma verdadeira não é dada, mas obtida por experimentação”. (DELEUZE, 2017 p. 418).

Sempre em meio as experimentações com o ler e com o escrever que, a escritura está intimamente implicada em compor, junto ao texto literário, reverberações, deslocamentos, escapes e resistências em relação à instrumentalização da língua.

Às práticas de leitura literária, tomadas enquanto práticas de escritura vai constituindo frente ao lido um outro texto: o texto produzido pela subversão ou ainda pelo escape frente ao lido. Tal prática de leitura se caracteriza por engendrar deslocamentos em relação ao modo de leitura pautado apenas pela compreensão.

O primeiro deslocamento se efetiva, pois, pela afirmação do exercício de uma linha criadora vazante de invisibilidades. Nesse sentido, ao escrever a leitura criamos condições e possibilidades para interrogarmos o mundo e não apenas garantir a sua compreensão. Embora as compreensões acerca da leitura literária não sejam desconsideradas pela escritura, elas se constituem enquanto um dos atravessamentos, sem, entretanto, ser a sua única possibilidade; uma vez que a leitura literária, ao modo escritural, só se efetivará por meio da realização de uma outra escrita, ou melhor dizendo, em uma outra escritura.

Se a leitura literária ao modo escritural implica em produzir um outro texto a partir do lido, fica a pergunta: quem está autorizado a escrever? A partir desse questionamento, podemos perceber que a autoridade do autor/escritor se constitui em meio a ser ele o único responsável por dizer a verdade sobre o mundo (BARTHES, 2013b) e, desse modo, não caberia ao leitor questionar ou (o que seria pior) engendrar escapes junto ao texto do escritor, imprimindo nele a sua escritura a sua leitura.

É nesse sentido que a leitura literária ao modo escritural pode se constituir em um escape que rasura, que corta o texto, fazendo com que a “leitura mais subjetiva que se possa imaginar, nunca passe de um jogo” (BARTHES, 2012, p. 28). Um jogo de infinitas possibilidades que faz pela leitura literária uma nova escritura e, a partir dessa nova escritura, uma nova leitura.

Em meio as rasuras escriturais instaura-se uma vizinhança com o texto literário. Segundo Deleuze (2004, p.13), “a literatura só começa quando nasce em nós uma terceira pessoa que nos destitui do poder de dizer EU”, ou seja, quando irrompe Manoel de Barthes, o professor-pesquisador que tomado pelas certezas do ensinar, passa a não ler e, não lendo, esquece que pode escrever. Pensa-se vivo e sofre de uma morte parcelada em 48 prestações, cuja causa possível seja os baixos índices de *inutilizas* na língua.

Algo que poderia ter sido facilmente evitado se o ler, o (des) ler e o (i) ler mil vezes a escritura fosse experimentado, a fim de produzir pela leitura uma escritura que ali não estava, mas que passa a “existir” na relação de esgarçamentos, fricção e encharcamento entre o texto literário e uma vida, sempre uma vida. Nesse sentido que, a leitura literária ao modo escritural é um jogo que visa a esgarçar os enunciados, esburacar as significações. Uma relação que será atravessada muito mais pela interrogação do que pela verdade sobre o mundo.

Engendrar uma prática de leitura literária ao modo escritural

é criar condições e possibilidades para a constituição de uma experiência que (des) obriga a leitura literária da legitimação pela interpretação do lido, ou seja, da busca pelo significado que o texto carrega consigo; algo muito distante do “ler levantando a cabeça [...] interrogar a própria leitura”. (BARTHES, 2012, p. 26), constituindo, assim, um modo de ler e escrever com o outro texto, ou seja, com textos que produzem em nós reverberações. Muitas vezes são leituras que nos incomodam, nos deixam em dúvida e instauram contaminações diversas.

Nesse sentido que, a leitura literária, para Barthes (2013b, p. 33), “é sempre irrealista, mas é esse mesmo irrealismo que lhe permite frequentemente fazer boas perguntas ao mundo”. Perguntar sempre e cada vez mais pode ser o princípio para uma “avaliação” da “eficácia” bem como da “utilidade” alcançada pela leitura literária ao modo escritural. Pois bem, se ao final da leitura literária a vida-de-estudante levantou a cabeça e seus olhares perderem-se no turbilhão de dúvidas, questionamentos, incertezas sobre o mundo, aí teremos uma leitura literária que se fez escritura: provocou mais dúvidas do que apresentou certezas e, ainda assim, o desejo de seguir escreturando permanece.

Uma leitura literária que se faz escritura empreende um deslocamento considerável, na medida em que há uma valorização da perspectiva do leitor, ou seja, a prática escritural de leitura não está, pois, voltada para “descobrir” o que o autor “quis dizer”. Nessa perspectiva escritural, o leitor ganha importância em relação aos autores (até então os

únicos autorizados a produzir escritas sobre o mundo). Essa perspectiva que coloca em destaque o leitor é defendida pelo crítico francês Roland Barthes ao afirmar que “é essa leitura, ao mesmo tempo *irrespeitosa*, pois que corta o texto, e *apaixonada*, pois que a ele volta e dele se nutre.” (BARTHES, 2012, p. 26, grifo nosso), pode criar condições e possibilidades para os escapes e subversões com a língua.

A leitura *desrespeitosa* e *apaixonada* defendida e efetivada por Roland Barthes, ao longo da sua vida de pesquisador, libera o leitor para produzir *um* outro texto a partir do lido, melhor dizendo, cria condições e possibilidade para o exercício de uma escrita *com* o lido. Logo, *escrever com* implica em assumir não apenas a subversão ou o escape frente ao lido (o desrespeito barthesiano) como também e de igual modo afirmar admiração pelo autor/texto escolhido como matéria para a escritura (a paixão barthesiana).

A leitura escritural instaura em um só movimento o *desrespeito* (porque permite a dissonância) ao mesmo tempo em que o leitor pode encharca-se do próprio texto, cuja paixão permite voltar a ele sempre. Esse movimento de recusa objetiva

abrir o texto, propor o sistema de sua leitura, [...] pedir e mostrar que podemos interpretá-lo livremente; é principalmente, e muito mais radicalmente, levar a conhecer que [...] ler é fazer o corpo trabalhar (BARTHES, 2012, p.29).

Desse modo que ao escrever a leitura cria-se condições e possibilidades de instaurar pelas fissuras do texto outras escrituras. Escrituras que ao modo biografemático veem monumentar as *inutiliezas* de uma vida, sempre uma vida.

escritura-biografemática: as *inutiliezas* de uma vida

As experimentações biografemáticas com uma vida, entretanto, podem adensar dores, restituir tristezas diante daquilo que não fomos e revitalizar as culpas, tocar em feridas já curadas, como também podem (des) viver o vivido, ensaiar novos gestos diante da vida ao valorizar as suas insignificâncias; enfim, pode instaurar pela escritura um espaço para viver outros possíveis com uma vida.

Descorre que, para ler e escrever com terrenos baldios de *inutiliezas*, que nem ao menos sei possuir, é preciso estar um tanto obtuso para poder vadiar com as palavras. Tomando-as pelos gestos, pormenores e inflexões que constituem a resistência e a recusa, ou seja, o escape à redacionalização da vida.

O biografema, nesse sentido, constitui-se como uma tática implicada em ler e escrever com as vidas que nos tocam, criando condições e possibilidades de estabelecermos com essas vidas uma relação cujo principal critério não seja (apenas e tão somente) a verdade dos fatos, mas a singularidade que eles assu-

mem para quem os biografema. Logo, o biografema constitui-se como um modo para “lidar com a biografia sem se limitar à história referenciada [...] à história de vida do Sujeito” (FEIL, 2015, p. 149).

Uma lidação que para Roland Barthes, nas palavras de Perro-ne-Moisés (1985, p. 9, grifo nosso), implicava em tomar a própria vida como matéria de escritura; ao mesmo tempo em que assume os gestos de

*um biógrafo amistoso e desenvolto, a alguns pormenores, a alguns gostos, a algumas inflexões, digamos: “**biografemas**”, cuja distinção e mobilidade poderiam viajar fora de qualquer destino.*

A partir dos gestos, pormenores e inflexões que a escritura-biografemática toma a vida como matéria, para a celebração das *inutilidades* que fazem uma vida, sempre uma vida escapar às demandas de utilidade. Os traços de uma escritura-biografemática permitem uma lidação com a língua ao modo de brinquedo “porque se a gente fala a partir de ser criança, a gente faz comunhão; de orvalho e sua aranha, de uma tarde e suas garças, de um pássaro e sua árvore.” (BARROS, 2010, p. 30), ou seja, infantilizar a língua, fazendo-a dançar.

Nesse espaço instaurado pela escritura-biografemática é possível minar o poder exercido pela língua, abrindo fissuras em seus costumes e hábitos, de modo que ao escriturar biografematicamente uma vida seja possível empenar (entortar

mesmo) os pensamentos; desacomodando o ler e o escrever da função de escrivência (BARTHES, 2013b, p. 31-39).

A escritura-biografemática vinga por meio das composições assumidas nas experimentações com a língua. Uma língua contaminada pelas *inutilizas*, por exemplo, tem serventia para a escrituração de uma vida, na medida em que instaura gestos desobrigadores de monumentalidade de verdade que erigimos em nós. Monumentalidades que atravancam quando não impedem mesmo as experimentações pela nudez lingual.

Para adentrar biografematicamente em uma vida, basta as singularidades dos acontecimentos fragmentários dessa vida; não sendo necessário, portanto, estabelecer uma relação de causa e efeito entre esses acontecimentos. A vida em biografema é, pois, uma vida fragmentária, uma vida de muitas entradas e saídas e, sobretudo, uma vida que permite ver, ouvir, ler e escrever com as *inutilizas* que nos habita. Afinal, a *inutilizas de uma língua* é um modo de fazer o ler e o escrever não servir nem para remendo.

Mas como, então, operacionalizar uma escritura-biografemática das *inutilizas*? Quais gestos ela demanda? Talvez pingar um pouco de água no coração biografemático de uma vida e massagear com cuidado, fazendo com que uma escritura-biografemática possa tentar viver novamente. Talvez seja no coração dos signos que a água ajuda a infantilizar melhor a língua – um dos dons de uma vida-manuelesca – e assim poder instaurar uma atenção encardida pelas *inutilizas* pelo seus

recantos, suas dobras e seus esconderijos. Vestida de timidez encena saídas, busca contornos e tropeça nas certezas.

Uma vez escriturada biografematicamente pelas *inutilidades* uma vida – agora encharcada de sol – olha para o chão em busca das ínfimas soberbas dos abandonos esquecidos pela natureza, ou melhor dizendo, contaminados pelo tempo e suas demências de folhas secas, ao modo de Manoel de Barros (1997). Essa ode às *inutilidades* de uma vida é atestadamente uma vocação para fazer com a língua muito mais um trapo do que uma vestimenta.

Em *Matéria de poesia* (BARROS, 2001), a fusão que faltava para compor os traços de *inutilidade*, “*as coisas que não levam a nada*” (p.11, grifo nosso) têm o dom de nos deixar no presente, no aqui e no agora, produzindo assim ranhuras na redacionalização da vida. Elas, as *inutilidades*, não acenam com as garantias para o futuro (como nas vidas-clichês apresentadas no capítulo *as escrituras-biografemáticas*), tampouco buscam ser úteis. É nesse sentido que uma vida, sempre uma vida, ao se contaminar pelas *inutilidades*, torna-se sortida do ordinário, abundante em (des) importâncias, ornada daquilo que não tem valor de venda e só presta mesmo para estar parado como o “céu sem prateleiras!” (BARROS, 2001, p.57).

Monumentar o que não serve para *nada* pode parecer tolo ou mesmo desnecessário, ou ainda se constituir em uma ofensa diante de um mundo vaticinado pela utilidade. No entanto, são pelas tolices que alargamos o mundo, fazendo com que o nosso olhar descanse, o nosso corpo dance e a vida possa res-

pirar fundo e seguir escriturando, sem contaminação de dúvida, uma vida por vir.

Acontece, porém, que não falo do inútil simplesmente, falo da *inutilidade*, daquilo que não quer ter dons de resolver problemas, assumir propósitos, indicar soluções, pois a sua serventia só se instaura quando precisamos nomear a beleza de um sorriso de criança, quando precisamos cuidar de uma gentileza em perigo ou, ainda, quando somos germinados pela urgência de viver uma vida que encontra-se à beira do abismo da utilidade.

As dúvidas instauradas pelas *inutilidades* da escritura em biografia entra pelos poros, toma quem escreve e quem lê, tensionando as linearidades dos começos, dos meios e seus fins. Na medida em que não temos como situar o seu início e muito menos o seu fim, nos esgueiramos pelo meio. A escritura-biografemática vive de meios, dos espaços entre uma *inutilidade* e outra, fazendo a gente desejar “avançar para o começo” (BARROS, 1997, p. 37); lá-aqui-acolá onde a profusão de linhas que não se cansam de proliferar avançam e retrocedem para um começo que não tem fim, proteção errante contra a necessidade infame de ser útil, de ter propósito.

Uma vida, sempre uma vida que tomada pela escritura-biografemática – ao se fundir com *as inutilidades* manuelesca, assume dons de inaugurar uma língua propiciada para habitar a todos e cada um de nós, uma língua que faz vaginação com *as inutilidades* do mundo.

os fosséis de uma oficina

a cena: a leitura das preposições

Primeiro período: mais uma aula de Literatura na turma 203. Após a chamada, solicito que abram o livro didático na página 335 e indico o exercício 01, que consiste na análise de um conto de Moacyr Scliar (2010, p.105-109), Espaço vital, apresentado na página anterior do livro didático (ABAURRE; ABAURRE; PONTARA, 2013, p. 334-335). Na leitura individual que antecede a atividade, não houve espaço para discussão, troca de impressões ou mesmo dúvidas sobre o vocabulário do conto. A leitura individual e silenciosa cala a todos. Na maratona de 50 minutos de uma aula, preciso partir necessariamente e urgentemente para a interpretação do texto, depois de 15 minutos já dá para pôr no quadro as respostas da atividade. Eles, como de costume, copiam a resposta no caderno e não esquecem do questionamento mais importante do dia: ***“Sora, o que tem de lanche hoje?”***. E assim termina, ou melhor, terminamos a única aula de Literatura da semana na turma 203.

Segundo período: Aula de Língua Portuguesa. Repito cada preposição ensinada na aula da semana passada. Algumas vi-das-de-estudante ainda copiam a resposta da atividade sobre o conto Espaço vital (é preciso virar a chave e entrar no clima

da gramática). Sigo explicando o conteúdo das preposições. Conteúdo, aliás, de enorme importância para a coesão das redações do Enem. Entrego um exercício de fixação e, enquanto fazem a atividade, escrevo novamente no quadro a definição de preposição:

*preposição é a palavra invariável que une termos de uma oração, estabelecendo entre eles variadas relações. [...] importante: a preposição **tomada isoladamente nada significa**; ela só tem valor gramatical dentro de um dado contexto (NICOLA; INFANTE, p. 225, grifo meu).*

A definição corporificada pelo giz me faz mais uma vez, uma vez mais, explicar, comunicar o conteúdo (sinto algo mais forte que eu: basta ter um quadro e um giz, e algumas vidas a minha frente, que o dom de explicar parece surgir do nada).

Quando faltam apenas dez minutos para o término da aula, e eles já começavam a guardar o material, animados porque não teriam a próxima aula (ainda não havia chegado à escola o professor de Química), ouço alguns cochichos na terceira fileira, algo que foi se avolumando e ganhando contornos de discussão acerca do conteúdo das preposições. Também ouvi, ao passar perto da mesa de uma-vida-de-estudante (na verdade, pude sentir na voz de um deles uma insatisfação, um cansaço e, ao mesmo tempo, uma tristeza que eu não conseguia

compreender o motivo; bem provável que fosse o calor... mas não). Eis que irrompe dessa mesa uma-vida-de-estudante imbuída de um espírito justiceiro de encharcamentos revoltosos: ela saca seu caderno da mochila e de corpo erguido para dar visibilidade e presença a sua reivindicação, abre o caderno que já tinha guardado e lança-se a declamar, em voz alta, a lista de preposições: **“as preposições essenciais: a, antes, após, até, com, contra, de, desde, em, entre, para, perante, por, sem, sob, sobre, trás e as acidentais são afora, conforme, consoante, durante, exceto, fora, mediante, menos, salvo, segundo, senão, tirante.”** Finalizando a leitura, o seu corpo outrora reivindicatório, perde-se na tristeza e vestido de uma voz cuja mudez era sentida no fundo da sala desabafa: **“Essa é a leitura que dão para a gente ler”**. Fico muda, sem palavras, sem gestos; só me resta a inquietação de saber-me parte da sonenação de um tempo para ler e escrever com as *inutilidades de uma vida*.

introdução aos fósseis oficiais

Entre os dias 09 de março e 03 de abril de 2018, onze encontros são urdidos na oficina de escritura-biografemática com as vidas-de-estudantes de uma turma de segundo ano do Ensino Médio, a turma 203, da Escola Estadual Maria Aracy Trindade Rojas na cidade de Caxias do Sul – Rio Grande do Sul. Com as vidas-de-estudante que habitam a turma a 203, realizo, no

horário regular das aulas de Língua Portuguesa³ (somando todos os encontros temos um total de 13 horas/aula), a escritura-biografemática com os textos do poeta Manoel de Barros e as provocações de Manoel de Barthes, de modo a constituir uma relação de contaminação e encharcamento da escritura com essas vidas.

A noção de Biografema proposta por Roland Barthes (2003, 2005) constitui-se como a tática metodológica para engendrar com as vidas-de-estudante uma prática de leitura literária e de escrita que toma como matéria uma vida. Sempre uma vida. Nesse sentido, ao engendrar em uma oficina práticas de escritura-biografemática intentamos, em primeiro lugar, fazer do ler e do escrever práticas indissociáveis, e, em segundo lugar, experimentar um olhar para esvergar o idioma e buscar mais pelas invisibilidades errantes de uma vida do que pelos fatos lineares e destinais. Assim, com o objetivo de biografemar as *inutilidades* das práticas de leitura literária e escrita operacionalizadas pelas vidas-de-estudante da turma 203, que apresento a seguir os fósseis de saudade, fósseis do bloco de notas e os fósseis da atenção.

3. A professora titular da turma cedeu as aulas de Língua Portuguesa para a realização da oficina.

fósseis de saudade

Demandas burocráticas: recolhimento de assinatura dos Termos de Assentimento Livre e Esclarecido (TALE) e dos Termos de Consentimento Livre e Esclarecido (TECLE). Os carimbos, as assinaturas e mais assinaturas parecem tomar todo o tempo do primeiro encontro da oficina de escritura-biografemática. Mas, em meio as demandas burocráticas que envolvem toda pesquisa, pude trazer do passado uma prática que instaura, pela leitura literária, um tempo para *nada*, ou seja, um tempo que acolhe as *inutilidades* de uma-vida-de-professora-pesquisadora em experimentações com as vidas-de-estudante.

Tal prática de leitura literária toma o poema “Saudades”⁴, atribuído à Clarice Lispector, como signo das experimentações vividas em outros tempos; como algo a lembrar uma-vida-de-professora-pesquisadora da importância em trazer para a sala de aula atividades que não apresentam de imediato uma utilidade, mas que tem o dom de tingir as vidas-de-estudante mais pelo encantamento do que pela informação que possa vir a transmitir.

4. Disponível em: <<https://www.pensador.com/frase/NDQxNDYw/>>. Acesso em: 19 fev. 2018.

Saudades

Sinto saudades de tudo que marcou a minha vida.

**Quando vejo retratos, quando sinto cheiros,
quando escuto uma voz, quando me lembro do passado,
eu sinto saudades...**

**Sinto saudades de amigos que nunca mais vi,
de pessoas com quem não mais falei ou cruzei...**

**Sinto saudades da minha infância,
do meu primeiro amor, do meu segundo, do terceiro,
do penúltimo e daqueles que ainda vou ter, se Deus
quiser...**

**Sinto saudades do presente,
que não aproveitei de todo,
lembrando do passado
e apostando no futuro...**

**Sinto saudades do futuro,
que se idealizado,
provavelmente não será do jeito que eu penso que vai
ser...**

**Sinto saudades de quem me deixou e de quem eu
deixei!**

**De quem disse que viria
e nem apareceu;
de quem apareceu correndo,
sem me conhecer direito,
de quem nunca vou ter a oportunidade de conhecer.**

**Sinto saudades dos que se foram e de quem não me
despedi direito!
Daqueles que não tiveram
como me dizer adeus;
de gente que passou na calçada contrária da minha vida
e que só enxerguei de vislumbre!**

**Sinto saudades de coisas que tive
e de outras que não tive
mas quis muito ter!**

**Sinto saudades de coisas
que nem sei se existiram.**

**Sinto saudades de coisas sérias,
de coisas hilariantes,
de casos, de experiências...**

**Sinto saudades do cachorrinho que eu tive um dia
e que me amava fielmente, como só os cães são
capazes de fazer!**

Sinto saudades dos livros que li e que me fizeram viajar!

**Sinto saudades dos discos que ouvi e que me fizeram
sonhar,**

**Sinto saudades das coisas que vivi
e das que deixei passar,
sem curtir na totalidade.**

**Quantas vezes tenho vontade de encontrar não sei o
que...**

**não sei onde...
para resgatar alguma coisa que nem sei o que é e nem
onde perdi...**

**Vejo o mundo girando e penso que poderia estar
sentindo saudades**

**Em japonês, em russo,
em italiano, em inglês...
mas que minha saudade,
por eu ter nascido no Brasil,
só fala português, embora, lá no fundo, possa ser
poliglota.**

**Aliás, dizem que costuma-se usar sempre a língua
pátria,
espontaneamente quando
estamos desesperados...
para contar dinheiro... fazer amor...
declarar sentimentos fortes...
seja lá em que lugar do mundo estejamos.**

**Eu acredito que um simples
“I miss you”
ou seja lá
como possamos traduzir saudade em outra língua,
nunca terá a mesma força e significado da nossa
palavrinha.**

**Talvez não exprima corretamente
a imensa falta
que sentimos de coisas
ou pessoas queridas.**

E é por isso que eu tenho mais saudades...

**Porque encontrei uma palavra
para usar todas as vezes
em que sinto este aperto no peito,
meio nostálgico, meio gostoso,
mas que funciona melhor
do que um sinal vital
quando se quer falar de vida
e de sentimentos.
Ela é a prova inequívoca
de que somos sensíveis!
De que amamos muito
o que tivemos
e lamentamos as coisas boas
que perdemos ao longo da nossa existência.**

Disponível em: <<https://www.pensador.com/frase/NDQxNDYw/>>.
Acesso em 19 fev. 2018.

Foi em contaminação pelo signo da saudade que as vidas-de-estudante trouxeram para o presente as experimentações de outros tempos, como, por exemplo, a lembrança de uma epígrafe anotada no quadro; as cenas de um filme exibido em uma sessão de cinema organizada pelos estudantes; ou, ainda, a constituição de um diário de leitura a partir do livro *Ana Terra* (VERÍSSIMO, 2005). Enfim, uma-vida-de-professora-pesquisadora pôde ver com os olhos do presente, fragmentos de vivido que agora ganhavam força e revestiam-se de expectativas novidadeiras e alegres, que somente a escrita e a leitura em meio a vida podem possibilitar.

Na esteira dessas experimentações vividas, ou seja, das “memórias” fósseis com essas vidas em um passado recente, uma ganha destaque: as experimentações com a leitura literária que se constituíram (ainda mesmo sem saber), como pequenos traços de uma leitura ao modo escritural. Traços que possibilitaram, por sua vez, a uma-vida-de-professora-pesquisadora encharcar as vidas-de-estudante com leituras literárias de contos que fazia surgir nos dez minutos finais das aulas de Literatura um tempo para *nada*.

Nesses momentos, uma-vida-de-professora-pesquisadora emprestava uma voz para textos literários diversos como que a engendrar uma voz desmembrada, instaurando pela leitura literária um duplo encantamento: pelo texto que se faz voz e parecia deixá-los “trepados no abstrato” (BARROS, 2001) ao mesmo tempo inscrevia nessas vidas um tempo para *nada*; porque bem sei o quanto uma-vida-de-estudante, ao final de uma manhã de aula, fez enfrentamentos com variadas escrituras: matemáticas, químicas, físicas ou ainda as biológicas. Todas elas atravessam uma-vida-de-estudante em uma única manhã!

Nesse sentido que, as experimentações com a leitura literária, contaminadas por *Manoel de Barros*, tinham encantamentos para fazer com que a sala de aula pudesse também abrigar as *inutilidades* de uma prática que tem o dom de não servir para *nada*. Desse modo que, ao longo dos dez encontros que estavam por vir, as 34 vidas-de-estudante que habitam a turma 203 biografemaram as *inutilidades* de uma vida.

fósseis do bloco de notas

A leitura escritural se fez por imagens, cores, texturas e arranjos em livros, textos e que arrastam para a oficina as *inutilidades*, em variados e sortidos movimentos para a feitura de um bloco de notas, também conhecido como caderninho para abrigar *inutilidades*. Pois bem, é preciso materiais sortidos: fios, rendas, dobraduras, colagens com papéis de variadas cores. Sortimentos diversos sendo engendrado para *abrigar uma escritura que não vale nota*. A necessidade de constituição desse espaço de escritura foi necessária para demarcar que ele seria reservado para escrever os interesses de uma vida-de-estudante, ou seja, uma experimentação acerca da escolha daquilo que escrevo e daquilo que anoto, e não daquilo que uma-vida-de-professora coloca no quadro. Cada bloco, com sua capa escriturada, abriga fluxos de uma vida-clichê (flores, laços, rendas e tecidos não deixam dúvida), parecem grudar como bosta de vaca mesmo. No entanto, não é somente de clichês que uma vida se nutre; principalmente quando está empenada pelas *inutilidades* que escorrem como sangue sob o fundo verde ou ainda pelos retalhos picadinhos de papéis coloridos que mais se assemelham aos pólenes de *inutilidades* a polinizar a folha de papel A4. Sim: há saídas frente aos aprisionamentos do clichê, inclusive escapes pelas *inutilidades*.

Figura 3 – Biografema: fósseis do bloco de notas
Fonte: Autoria própria, 2018.

ELCOO DE NOTAS

VIDA
APÓS

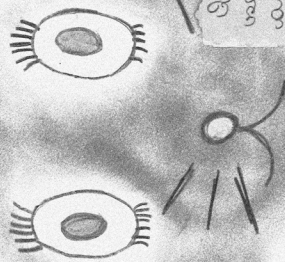
de
Itos...

Quando você dança,
seu propósito não é chegar
a determinado lugar, é
aproveitar cada passo do
caminho.

Borboletas possuem flores, que
se abrem para elas, e elas se abrem para elas.

A dança, uma
expressão perpendicular
de um desejo horizontal.

Eu não penso linear, e os meus
deixei que com danças que
Eu aprecio tanto



fósseis da atenção

“Atenção, pessoal! Atenção!”. É uma das frases que uma-vida-de-professora-pesquisadora precisa ter sempre à mão, à boca, no corpo, enfim. Ter e sustentar a atenção de uma vida-de-estudante é tão ou mais difícil do que fazer funcionar um alicate cremoso, mas, ao mesmo tempo, tão necessário quanto um abridor de amanhecer (tenho tropeço para fazer crer que o nascer do sol depende muito de um bom abridor de amanhecer, em dias nublados ele possivelmente está quebrado).

Espremida entre a dificuldade e a necessidade, uma-vida-de-professora-pesquisadora decide que é preciso instaurar uma atenção ao modo escritural. Uma atenção que crie condições e possibilidades de encontro efetivo com as experimentações engendradas para a oficina de escritura-biografemática. Assim, ao modo de *mais e menos*, é possível instaurar uma atenção ao modo da escritura-biografemática. Uma atenção encardida pelas *inutiliezas*, diria Manoel de Barthes. Uma atenção meio surrada, já um tanto puída pelos (des)usos que fazemos dela. (BARTHES, 1981, p.09).

Figura 4 – Biografema: fósseis da atenção
Fonte: Autoria própria, 2018.

Seg Ter Qua Qui Sex Sáb Dom

Atenção ao modo da escritura

1. Menos comparação, mais comunhão;
2. Menos certeza, mais experimentação;
3. Menos cobrança, mais gentileza;
4. Menos utilidade, mais poesia;
5. ~~Menos utilidade, mais poesia;~~
6. ~~Menos utilidade, mais poesia;~~
7. ~~Menos utilidade, mais poesia;~~
8. ~~Menos utilidade, mais poesia;~~
9. ~~Menos utilidade, mais poesia;~~
10. ~~Menos utilidade, mais poesia;~~

1. Menos comparação, mais comunhão;
2. Menos certeza, mais experimentação;
3. Menos cobrança, mais gentileza;
4. Menos utilidade, mais poesia;
5. ~~Menos utilidade, mais poesia;~~
6. ~~Menos utilidade, mais poesia;~~
7. ~~Menos utilidade, mais poesia;~~
8. ~~Menos utilidade, mais poesia;~~
9. ~~Menos utilidade, mais poesia;~~
10. ~~Menos utilidade, mais poesia;~~

19/03/2018

Atenção ao modo da escritura

11. Menos comparação, mais comunhão;
12. Menos certeza, mais experimentação;
13. Menos cobrança, mais gentileza;
14. Menos utilidade, mais poesia;
15. ~~Menos utilidade, mais poesia;~~
16. ~~Menos utilidade, mais poesia;~~
17. ~~Menos utilidade, mais poesia;~~
18. ~~Menos utilidade, mais poesia;~~
19. ~~Menos utilidade, mais poesia;~~
20. ~~Menos utilidade, mais poesia;~~

Atenção ao o modo da escritura

1. Menos comparação, mais comunhão;
2. Menos certeza, mais experimentação;
3. Menos cobrança, mais gentileza;
4. Menos utilidade, mais poesia;
5. ~~Menos utilidade, mais poesia;~~
6. ~~Menos utilidade, mais poesia;~~
7. ~~Menos utilidade, mais poesia;~~
8. ~~Menos utilidade, mais poesia;~~
9. ~~Menos utilidade, mais poesia;~~
10. ~~Menos utilidade, mais poesia;~~

Seg Ter Qua Qui Sex Sáb Dom

Atenção ao modo da escritura

1. Menos comparação, mais comunhão;
2. Menos certeza, mais experimentação;
3. Menos cobrança, mais gentileza;
4. Menos utilidade, mais poesia;
5. ~~Menos utilidade, mais poesia;~~
6. ~~Menos utilidade, mais poesia;~~

19/03/2018

1. Menos comparação, mais comunhão;
2. Menos certeza, mais experimentação;
3. Menos cobrança, mais gentileza;
4. Menos utilidade, mais poesia;
5. ~~Menos utilidade, mais poesia;~~
6. ~~Menos utilidade, mais poesia;~~
7. ~~Menos utilidade, mais poesia;~~
8. ~~Menos utilidade, mais poesia;~~
9. ~~Menos utilidade, mais poesia;~~
10. ~~Menos utilidade, mais poesia;~~

as escrituras- biografemáticas

a cena: por um fio

Cabelos longos, curtos, pintados. Cabelos lisos, crespos, escovados. Cabelos que escorrem os fluxos de uma vida. Tudo começa porque uma vida-de-estudante de cabelos longos e encaracolados decide escriturar seus cachos volumosos em compactos e bem-comportados lisos. Tamanha escritura gera estranhamentos não só para a própria vida-de-estudante como também para a de seus colegas (nenhuma vida passa incólume às escriturações). Foi, então, que, naquela manhã de outono, o sol vem descongelar o cotidiano escolar das vidas-de-estudante. Agora, encharcados pelo sol, os cabelos escriturados instauram um nó com os fósseis dos rastros da oficina de escritura-biografemática:

Figura 5 – Biografema: por um fio
Fonte: Autoria própria, 2018.

19/09/18

[~~RAPI~~ DE ESTUPRANTE]

CABELO SEM ~~UTILIDADE~~ UTILIDADE
TALVEZ NATUREZA OU VAIDADE

CABELO BOM OU RUIM
SÓ QUEM TEM OU ACHA É ASSIM
DEPENDE DA SUA VISÃO

SE PARA VOCÊ É BOM OU RUIM
TALVEZ DEUZ ~~QUE~~ ASSIM ???

OU É MEU PONTOTO DE VISTA
QUE TE TIRA DA LISTA
DA DONA DA PISTA;

DO DESFILE NATURAL

NÃO RUIM MAS MAL

NÃO BOM MAS FÁCIL DE CUI PAR!!

POR UM FIO

RASTROS DE ESCRITURA

Pois bem, a escrituração de um cabelo ganhou mais destaque do que a apresentação do projeto de pesquisa *Práticas de leitura literária e escrita: a vida em biografema*, tornando ainda mais cansativas as assinaturas dos termos de consentimento e assentimento programadas para aquele encontro. Afinal, quando a escritura irrompe (ao modo dos musgos que brotam dos interstícios do asfalto, sem autorização ou pedido de permissão, pois escape não carece disso: permissão para acontecer), os cabelos se fazem também fluxos de uma vida em biografema, uma vida a cada escritura.

os fluxos: a escrituração dos “dados” de pesquisa

Pesquisar implica, em algum momento, debruçar-se sobre os “dados” produzidos e, *a partir deles, com eles, em meio a eles*, pensar um modo de constituir sua legibilidade, ou seja, dar um corpo ao que foi vivido entre o *começo-sem-início* e o *fim-sem-chegada* de uma pesquisa. Sei, pois, que é no meio que uma vida acontece. Para a pesquisa *Práticas de Leitura e Escrita: a vida em biografema* tal constituição está intimamente implicada na assunção dos “dados” como os *fósseis dos rastros de escritura-biografemática*, ou seja, como os fluxos desse vivo instantâneo nas oficinas com as vidas-de-estudante da turma 203.

Figura 6 – Biografema: escrituração dos fluxos de uma vida
Fonte: Autoria própria, 2018.

EXEMPLO

1 Curva, dobra,

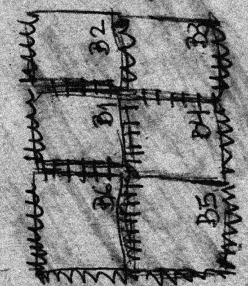
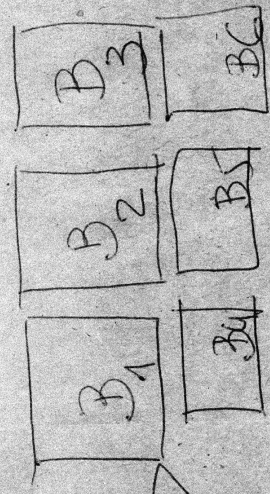
2 interaçao

M. Barthes

Barthes
gostou

LINGUA

- Idéncia
 - entrecordata.
 - exige trabalho de letra
- CORPO INTERIO



Os dados de uma pesquisa, enquanto fósseis dos rastros de escritura-biografemática, demandam de uma-vida-de-professora-pesquisadora inscrever nos biografemas produzidos pelas vidas-de-estudante um outro texto: um texto escriturado a partir dos *pormenores*, dos *gostos*, e das *inflexões* de um biógrafo amistoso e desenvolto (PERRONE-MOISÉS, 1985, p. 09). A biografia amistosa é empreendida com paixão por uma-vida-de-professora-pesquisadora que se deixa contaminar pela escritura das vidas que compõem essa dissertação.

Buscar nos biografemas escriturados pelas vidas-de-estudante os fluxos de *inutilidade* engendrados pelas experimentações com a leitura literária e com a escrita é assumir que “os dados de uma pesquisa da experimentação, [...] *resultam da consciência do pesquisador sobre o seu caráter inventivo e criador*”. (CORAZZA, 2017, p. 276, grifo nosso).

A lidação com os fluxos de uma vida em biografema, ou seja, com o ler e com o escrever entre as vidas como acontecimento deslocam os tensionamentos acerca das (des) importâncias e relevâncias resultadeiras, fazendo com que não seja possível “mais perguntar quem disse ou o que quis dizer, qual a significação (oculta ou explícita) daquilo que foi dito ou daquele conceito, mas seria um compósito de experimentação de *pensar, escrever e ler*.” (CORAZZA, 2017, p. 276).

Tal compósito é engendrado pela tática biografemática: um modo de ler e escrever com e *a partir* de uma vida. Enquanto uma tática implicada em escriturar os pormenores, os gostos

e as inflexões de uma vida; permitindo deslocamentos em relação ao modo biográfico de escrita de uma vida:

Figura 7 – *Biografema: uma vida em biografema (2018)*
Fonte: Autoria própria, 2018.

"Em Roland Barthes por
Roland Barthes, Após Ter
Minhado os Dados Principais
de Sua Vida, Ele Acrescen-
tuou, entre parênteses:

"(Uma vida: Estudos,
Doenças, Nomeações. E o
Resto?"

PERONE-MOISÉS, 1985, p. 13

MELOS

20205

CRENGAS

TRISTEZA

AMIZADES

VIAGENS

FELICIDADES

PRAZERES

AMORES

LEITURAS

Um modo que tensiona a vida como destino (PERRONE-MOISÉS, 1985), e busca pelos restos e trapos de uma vida, tensionando toda a linearidade e causalidade que faz com que uma vida não seja tomada como uma sucessão de fatos e promessas de um porvir.

O modo de lidação biografemática toma as vidas que nos tocam pela leitura literária e pela escrita para a instauração dessa zona de vizinhança articulada por Manoel de Barthes como processo dessa pesquisa, não fazendo sentido afirmar que apenas no momento final da oficina com a produção dos biografemas *vidas-clichês* é que teríamos os “dados” para uma análise resultadeira; quando o que se passa é a inscrição de experimentações de uma escritura-biografemática junto ao professor-pesquisador Manoel de Barthes (1981), com o ler e com o escrever em meio aos fluxos de uma vida em biografe-ma.

Nesse sentido, os fluxos não são tomados como “dados”, pois uma vida, sempre uma vida, poderia ser ela tomada *apenas* como os “dados” de pesquisa? Melhor não... Acontece, porém, que nomear os dados como fluxos não garantem uma mudança de perspectiva na lidação com eles; na medida em que os dados assumem um caráter de acabamento, de algo pronto e que se encontra à espera do seu achamento, descobertura ou construção; quando, na verdade, o que temos ao operamos com os fluxos de uma vida é a instauração de uma zona de vizinhança (DELEUZE, 2004, p. 12), a fim de fazer vazar, rasgar e escovar uma vida.

a vida em biografema: as *inutilidades* em meio aos clichês

É preciso tempos *Chronos* e *Cairós* para empreendermos uma escritura ao modo de escovação de uma vida em biografema (BARROS, 2010, p. 5); é preciso, de igual modo, constituir um espaço para abrigar as escrituras-biografemáticas que não seja o do insípido aprisionamento em uma pasta ou, ainda, um fundo de uma gaveta; em ambos os casos os fluxos de uma escritura-biografemática ficam à espera; saindo desses espaços de clausura, apenas para a extração de frases, palavras, sentidos que integrarão tão bem as análises e os resultados de pesquisa.

O espaço de acolhimento das escrituras-biografemática ganha relevância, pois permite não imprimirmos uma lidação escolar com as escrituras-biografemáticas; uma lidação contaminada mais pela correção do que pela escrituração (algo que uma-vida-de-professora faz tão bem quanto está diante das escritas dos alunos que automaticamente são lidas, corrigidas e atribuídas notas). Todo cuidado é pouco. Mais uma vez a atenção, ao modo escritural, uma atenção encardida que instaura um modo de não se perder em meio a fazeção da burocracia escolar.

Os biografemas necessitavam, nesse sentido, de um outro lugar, que não fosse a pasta, um fundo de gaveta ou mesmo as prateleiras de uma estante. Ter os biografemas expostos em

um painel ao alcance do olhar cria condições e possibilidades para empreendermos a leitura *irrespeitosa* e *apaixonada* que faz a gente levantar a cabeça (BARTHES, 2012).

Tal leitura possibilita engendrar montagens, contaminações de uma vida em biografema com outra e, assim, os “encaixes e escapes são urdidos pelos *patchworks*”. (BARTHES, 2003, p. 160). A disposição das escrituras-biografemáticas em um painel demanda de uma vida-de-professora-pesquisadora gestos de leitura que desacomodam o olhar e permitem movimentos que dão a ver aquela mancha pequena no canto do biografe-ma, o amassado que não pôde ser escondido pelo desenho de uma flor; ou ainda, os espaços em branco não escriturados da folha A4. Há ainda momentos nos quais, ao levantar uma ponta dobrada do papel, pode-se encontrar com um signo espre-mido, amarrotada quase em vias de se perder.

Quando o que temos diante dos olhos não são dados de uma pesquisa, mas os fluxos de uma vida a transbordar pela leitura literária e pela escrita é possível dar visibilidade aos pormenores, aos gostos e inflexões; pois assim estamos fazendo com uma leitura *irrespeitosa* e *apaixonada* (2012, p.26) o biografe-ma de uma vida. Tal leitura implica desde encharcamentos pelo sol, escovação de clichês, rasgos e esburacamentos para fazer escorrer as *inutilizas* de uma vida.

Para tanto, os desafios de uma-vida-der-professora-pesquisadora ficam ainda mais sortidos; na medida em que me entrego a essa leitura barthesiana que, subverbete irrespeitosamente

o lido ao mesmo tempo em que volta ao texto pelo qual se está apaixonado. Em meio a esse duplo movimento, a escritura-biografemática pode:

*acrescentar [...] uma outra enunciação, sem saber jamais se é de meu passado ou de meu presente que falo. Lanço assim sobre a obra escrita, sobre o corpo e o **corpus** passado; tocando-lhes de leve, **uma espécie de patchwork**, uma **coberta rapsódica** feita de quadrados costurados. (BARTHES, 2003, p. 160, grifo nosso).*

Na busca pela feitura dessa cobertura rapsódica é que os biografemas demandam dois movimentos: o primeiro, de ordem configurativa, empreende uma organização que visa a tomar as produções biografemáticas individuais, cujos quadrados de folha A4 abrigam as experimentações com a leitura literária e a escrita e que passam a ser engendrados ao modo de uma vida, não mais pessoal ou individualizada, mas singular.

O segundo movimento, visa a engendrar uma composição dos biografemas, por meio dos fluxos-clichês das escrituras-biografemáticas. Tal composição, por sua vez, é constituída a "cada leitura valendo pela escritura que ela gera, até o infinito" (BARTHES, 2012, p. 40). Cada leitura, uma nova escritura. Cada escritura, uma nova leitura, que instaura seis vidas-cli-

chês nas quais os signos da maternidade, do sucesso, do sonho, da infância, dos sortidos e de uma vida também podem abrigar os fluxos de *inutilidade*.

Engendrar um *patchwork* ao modo de Manoel de Barthes (BARTHES, 1981) com as escrituras-biografemáticas produzidas pelas vidas-de-estudante é o modo de ler e escrever com os fluxos de *uma* vida em biografema. Um modo que visa à perscrutação dos fluxos de *inutilidade* que, em meio às vidas-clichês, podem constituir escapes à redacionalização das vidas-de-estudante.

escritura-biografemática: uma-vida-clichê

A repetição do mesmo, o cansaço da banalização de uma vida dispara o meu pensar, o que implica em perguntar: seriam os fluxos de uma-vida-clichê impossibilitantes da contaminação pelos dos fluxos de *inutilidade*? O questionamento instaura dúvida do: *ou isto ou aquilo* (pensamento por exclusão, por favor, não!). A vida enquanto imanência (DELEUZE, 2002) se faz em meio a fluxos diversos.

Figura 8 – Biografema: uma-vida-clichê
Fonte: Autoria própria, 2018.

cli.en.te *s.2g.* quem recebe, em t
to, serviços de dentista, advoga
banco etc. © COL clientela

cli.en.te.la *s.f.* 1 conjunto de cli
quentadores regulares de um esta

cli.en.te.lis.mo *s.m.* prática eleit
giar um conjunto de indivíduos e
votos ~ **clientelista** *adj.2g.s.2g.*

cli.chê *s.m.* 1 frase ou ideia banalizada por
lugar-comum 2 placa gravada em re-
levo para impressão tipográfica ~ **clichéria** *s.f.* -
clicherista *adj.2g.s.2g.*

cli.ma *s.m.* 1 conjunto das condiç
(temperatura, pressão, umidade etc.)

ou de um período 2 *fig.* ambiente fav
para a realização de algo 3 *fig.* ambie
para um encontro amoroso ~ **climático**

cli.ma.té.rio *s.m.* período que antece
da vida reprodutiva da mulher ~ **clim**

cli.ma.ti.za.ção [pl.: -ões] *s.f.* 1 criaç
tenção, num local, de certa temperatu

2 *p.ext.* conjunto dos aparelhos us. p

3 acondicionamento de produto, mate
resistir à ação do clima ~ **climatizar** *v.*

clí.max \cs\ *s.m.2n.* 1 ápice, auge 2

etc. | por
clone *s.m.*

clo.rar

2
s.f.

clo.re.te
dele deri

na fabric

gerantes
como ar

de cozin

clo.ro *s.*
desinfet

cf. tal
clo.ro.

se de un
ocorrên

formas
clo.ro.

cial à r
clo.ró.

reino v
que oc

clo.ro
frigera

Nesse sentido que, pensar de modo a excluir um dos fluxos não é a melhor tática para o combate à redacionalixção da vida; na medida em que as vidas-clichês também são atravessadas pelos fluxos de *inutilidade*. Acontece, porém, que tanto em relação aos fluxos tomados pelos clichês como pelo fluxos contaminados pelas *inutilidades*, é necessário cortes, rasgos, fissuras que possibilitem os escorrimentos líricos desses fluxos, ou seja, escrever e ler de modo a escriturar sempre; sobretudo diante das (im)possibilidades sortidas de uma vida; sempre uma vida.

Pois bem, a escrituração das vidas-clichês e de seus fluxos de *inutilidade* visam a engendrar condições para os escorrimento lírico. Implica em estar bem acompanhada não apenas como condição de efetivação da escrituração, mas sobretudo, como afirmação do rigor implicado nas práticas escriturais biografemáticas.

Tal rigor se constitui na medida em que o ler e o escrever assumidos como experimentações de escritura implicam em fazer constituir uma zona de vizinhança com o outro: o texto literário, uma-vida-de-professora-pesquisadora e a vida do professor-pesquisador Manoel de Barthes, a fim de ao modo do *gosto* e do *não gosto*, escriturar biografematicamente à quatro mãos.

Figura 9 – Biografema: ao modo do cartão de visitas
Fonte: Autoria própria, 2018.

Figura 10 – Biografema: Vida-Maternidade
Fonte: Autoria própria, 2018.

Figura 11 – Biografema: Vida- Maternidade, a continuação
Fonte: Autoria própria, 2018.

cravo,

(DES) gosto

morangos,

não gosto

picadilho distraído,

picadilho distraído

isso quer dizer: meu corpo não é igual ao seu.

CUCHES

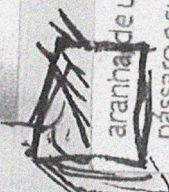
Café instantâneo

MANOEL

BARTHES



Gosto,



de um orvalho e sua
aranha de uma tarde e suas garças, de um
pássaro e sua árvore

relógios,

penas de escrever,

sal cru,

petiscos

quero

que não

MUSEO
MUSEO
MUSEO
MUSEO
MUSEO
MUSEO
MUSEO
MUSEO

MUSEO
MUSEO
MUSEO

MUSEO
MUSEO
MUSEO

PADE

MATERNI-

Conheci uma mulher
favelhosa, de alma lim
generosa, amável, de
de coração

O DIAMANTE
virelado, ficou
doais da TE
Assim é a
da para um
não viveu
DIAMANTE.

Na verdade,
main, muito +
Compara
per causa
u filho...
muito +!

Sua beleza
exterior, ela
viver! Seu valor
para as palavras
de um homem.

TERRA

mulher...
Sonhadora

Mãe

mulher...
Guerrilheira

mulher...
Botulhadora

mulher...
Linda

mulher...
Feliz

2

adunços

Mus respeito, om

2

de

de

A gente gostava de
brincar de conversar,
de falar das coisas

boas da
vida.

De se sentir
bem uma
com a outra.

Antes de um
segundo de

Não foi muito
muito, mas um
título de

ela vale muito
mesmo!

em o diamente
da beleza, valor
das suas? Ela é

encadeia a beleza
linda no ar
que pode ser visto,
mas não são capazes
de um olhar? UAU!

ÚNICO

isso era
maravilhoso
um
momento
único.

Um passado
belo, mas
que fez uma
grande presença
A atitude...

de repente
um
mulher

uma
mulher

"Porque Deus amou o mundo de tal maneira que deu o seu Filho unigênito, para que todo aquele que nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna".

João 3: 16

Persistência

Noites

"Nós amamos por amor primeiro" 1 Jo

Ela

Amor.

Guerreira

Mãe

Quinto

Amar

aos seres

importantes.

a filha do

Dião

Monteiro

batalhadora

"Vovó Alencara"

Guaricua

"Graci,
margarina, Pão"

Obrigado!
Por nunca
desistir da nossa
família.

DADE.

MATERN

Celebração das idealizações maternais, matéria de escritura-biografemática de uma vida cuja correria, fazeção e abnegação (ao final é tudo a mesma coisa) me enoja. Um pouco ao modo dos morangos que ao dissolverem o vermelho vivo em nossos lábios traz consigo seu azedume de olhos fechados e boca aberta. Sim, o amor maternal exige olhos fechados, cerrados para a vida que pede muito mais do que desenhar, pintar, recortar e colar corações e neles colocar - sem dó, mas sempre com piedade - uma vida. Sim, a maternidade é azeda, ácida e quase em nada combina com as flores minúsculas cultivadas no canteiro biografemático. Aliás, dos jardins até as estrelas no céu, uma mãe tomada pelos clichês de “guerreira”, “batalhadora”, “alma linda”, “dedicada” segreda sem contaminação de dúvida que viver é sofrer. Embora, em momentos ínfimos, quando as *inutilezas* vem

contaminar sem pedir autorização à trilogia enojativa: correria, fazeção e abnegação, posso ouvir um sussurro cúmplice a fazer com as palavras mais do que expressão de ordem e de obrigação: fazer com elas palavras-brinquedos de diversão sortida. No encontro com as infâncias de cada uma e de todas as duas, gostar de conversar ao modo do brinquedo: sem verdades, ordens e deveres; puro aconchego lingual. Mas a língua não está fora do poder (basta lembrar do meu colega de pesquisa Roland Barthes naquele dia lá no Colégio) e mesmo assim poderia ela oferecer esse aconchego maternal? Aconchego esse que está mais para café instantâneo que, diante da correria da fazeção, oferece soluções rápidas, práticas e eficientes, mas sem nenhum sabor. O que a escritura vazante e vazada permite é tão somente pingar na vida-maternidade-clichê o escorrimento lírico da *inutilidade* e deixar que a contaminação se faça.

U
S
I
Z
O
U

U
S
I
Z
O
U

Seu corpo era um templo
e eu me sentia um sacerdote
fazendo orações

Quando ele me abraçou
eu me senti um templo
e ele me sentia um sacerdote
fazendo orações

Quando ele me abraçou
eu me senti um templo
e ele me sentia um sacerdote
fazendo orações

Quando ele me abraçou
eu me senti um templo
e ele me sentia um sacerdote
fazendo orações

Quando ele me abraçou
eu me senti um templo
e ele me sentia um sacerdote
fazendo orações

Quando ele me abraçou
eu me senti um templo
e ele me sentia um sacerdote
fazendo orações

Quando ele me abraçou
eu me senti um templo
e ele me sentia um sacerdote
fazendo orações

SONHO

Muito a
ignorar
e a
vitar

NÃO

U
D
E
S
I
S
T
A

NUNCA.



Reputação não é mimimi
até mesmo
com o menor príncipe
a derrota que
uma !

Senti como se
tivesse como se
tivesse como se
tivesse como se



AMANHÃ talvez não venha
então já vou lá e
fazer o que, fazer o

"Isso não para que
uma pequena vida
Notada, mas para que
Sua vida seja a vida"

Sonho um sinônimo masculino que, segundo Houaiss e Villar (2009, p. 698), é constituído pela “sequência de imagens produzidas pela mente durante o sono”. Prefiro não. Acho sonho a maior bobagem. Ainda mais quando a gente se coloca a buscar pelo significado: o que o meu sonho quis dizer. Fala sério: puro charlatanismo de individualidade. Algo que pode ganhar contornos de bipolaridade: ora sou rei, rainha ou princesa e ora sou um soldado a lutar nas trincheiras pela vida (não pela minha, óbvio). Sonho exige a gente de viver o presente: a vida no aqui e no agora. Sonho bom mesmo é aquele das padarias portuguesas ricamente recheado de creme. Veja bem, sonho nenhum pode fazer uma vida delirar como a fantasia de um beijo na boca, de língua, claro; se possível, uma língua salivada de *inutiliza*ção. Porque um beijo na boca exige que meu corpo esteja acordado. Ele pede um corpo que coma e queira ser comido pela vida. Prefiro seguir os conselhos do meu colega Roland (2013): “sonhar (bem ou mal) é insípido (que tédio as narrativas de sonho!) [...] o sonho me desagrada porque ele nos absorve inteiramente: o sonho é monológico; e o fantasma me agrada porque ele parece concomitante à consciência da realidade” (p.101). Viver com as fantasias de *inutiliza*ções do presente como escape às idealizações oníricas de um futuro.

Figura 12 – Biografema: Vida-Sonho
Fonte: Autoria própria, 2018.

Sucesso, suceder, alcançar. Tal qual a uma vida de sonho, o sucesso também coloca a vida do agora em suspensão, colocando o riso, a alegria para um depois que nunca chega: Deixe para quando eu me aposentar. Sucesso difícil ou quase impossível – nos dias de hoje – para uma-vida-professora-pesquisadora. Uma vida-de-sucesso é orientada para assumir muitas outras vidas. No biografema de uma vida-de-sucesso há tantos sucessos quanto as suas respectivas servidões: ao trabalho, à família, ou ainda a uma formação universitária. Diante da profusão de clichês, a minha pena parece falhar (engasgada pela competitividade que o sucesso impõe, ela não consegue mais dançar sobre o papel). Difícil ler e escrever a redação nota dez que se metamorfoseou em nota 1000, ou seja, pensar quando a vida parece ter sido reduzida à utilidade que damos a ela. Vidas de sucesso são, pois, vidas úteis a vender o presente por expectativas de futuro. Preferível parar e sem contaminação de dúvida seguir tendo nas mãos uma boa taça de vinho, um sorriso desremelado nos olhos, e, ao final, poder ter o fracasso de amar, inclusive dormir.

Figura 13 – Biografema: Vida-Sucesso
Fonte: Autoria própria, 2018.

Quando completa. Hoje em 2018 já
 16 anos no mesmo se completam
 emprego, levando 15 anos que está
 festa comemorativa em seu emprego
 com todos os colegas.

FRASCI

Usará de BEBÊ

Mãe 2018

Vida Nova

Sua Mudou

Tramite de, Ulaione

30 anos

Thais Duarte Lima

Mas ele sempre

E saio do inter

deixando para

seu irmão, pai

cidade grande

Al eu pergunta

-Foi difícil?

Ele responde:

-Foi sim, eu si

esperava, dei

trás.

-Mas valeu a

-Se não tivesse

SUCESSO

BIOGRAFEMA

"Nada é impossível,
 apenas teoricamente
 impossível."

"sua frase de motivação é:

"seu identista,"

queira, para saber se que

Fez o curso de saúde

SE FORMOU EM JORNALISMO

Amor de

Amor de

Acima de

Sua

Amor



Infantilizar a língua em suas monumentalidades. Recusar suas verdades e certezas para poder brincar com as palavras ao modo de Manoel, aquele que apanhava os desperdícios da vida e era aparelhado (muito bem, aliás) para gostar mais de passarinhos do que de aviões. Pois bem, uma lidação infantilizante com a língua pode contaminar a gente de silêncios, fazendo (des) gostar das palavras fatigadas de informar. Pode de igual modo instaurar minúsculas recusas as idealizações da infância inocente. Ah, meus caros, a Dona Língua não é, não foi e nunca será inocente. Sabem por quê? “Ela é simplesmente facista; pois o facismo não é impedir de dizer, é *obrigar a dizer*” (BARTHES, 2013, p.14, grifo nosso). Obrigar a repetir sem fim as minhas, as suas e as nossas memórias de um vivido entre brincadeiras, cachorros e tardes de verão. Uma vida-infância pode também ser espaço para fazer a língua gaguejar e constituir impossibilidades para germinar no presente as saudades ainda por vir.

Figura 14– Biografema: Vida-Infância
Fonte: Autoria própria, 2018

Infância

O que define uma infância?

São as brincadeiras?

São as brincadeiras?

São as brincadeiras?

São as brincadeiras?

São as brincadeiras?

São as brincadeiras?

São as brincadeiras?

São as brincadeiras?

São as brincadeiras?

São as brincadeiras?

São as brincadeiras?

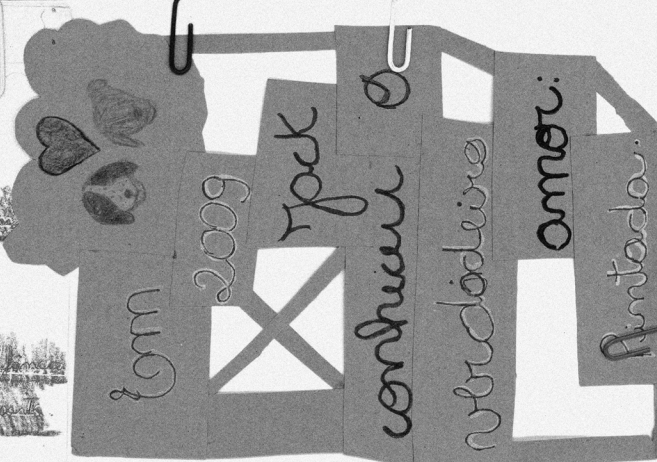
São as brincadeiras?

De que
sua
infância
foi feita
e se via
de brincadeira
ir, e não
e a vida
vida de
minha mãe

Assim
seme
em
sua
vida
e
minha

Nov
da
frente
a
certo

INFÂNCIA



De que
sua
infância
foi feita
e se via
de brincadeira
ir, e não
e a vida
vida de
minha mãe

De que
sua
infância
foi feita
e se via
de brincadeira
ir, e não
e a vida
vida de
minha mãe

Sorte, Sortido, Serto (assim mesmo com S redondinho). A vida é sortimento de variadas cores, amores e suas dores. Multiplicidade, alguns nomearão com satisfação e sem contaminação de dúvida que precisamos ser múltiplos, plurais; precisamos, *em verdade voz digo*, ser alguém que se deixa amar em um dia de chuva e busca não preencher os espaços vazios de uma vida com flores e utilidades de dons variados, pois sabe que viver exige mais do que coragem, exige uma vida, sempre uma vida. Melhor é se entregar ao abandono de um pão de queijo saído do forno acompanhado com uma boa xícara de café (passado, por favor!). Melhor ainda é orvalhar com literatura as vidas-sortidas, fazendo-a sortilégios de *inutiliza*.

Figura 15– Biografema: Vida-Sortidos
Fonte: Autoria própria, 2018.

terço mas a os pontos formam
 aproximadamente.
 E hoje mais com ele no mar
 era, hoje ele, minha, melhor ainda
 melhor umigo confio muito nele,
 uma pessoa sempre ligada e entende
 muito com ele.

DIAS DE CHUVA

TAXI

TRIS

Sempre deu
prioridade
as
coisas que
gosta...

Uma vida, sempre uma vida: solidão, silêncio e orvalhar de aranhas em pranto. Lembrei do meu lugar de ser inútil. Tenho saudades daquela janela e do redemoinho que fazia o meu pensamento delirar em pedras e musgos, dissolvendo as placas de servidão e utilidade, pois sempre soube dos riscos que a escritura-biografemática instaura no ermo da gente. Sempre soube que ao final sem começo iria chorar e sentir que a vida passou por mim sem nem ao menos me tocar. Chamo-a pelo nome e ela me ignora (a raiva de ter sido preterida ainda a engole), resolvo emendar o sobrenome *Vida Inutiliza*, por favor me dê uma outra chance. De onde estou avisto um papel meio amassado esquecido entre a porta e minha escrivaninha:

Figura 16 – Biografema: Uma-Vida
Fonte: Autoria própria, 2018.

ATENÇÃO

~~ENCARDE DA~~

~~Contém as questões da prova de Inglês e Espanhol~~

ESCREVER É CARREGAR A ÁGUA NA
PENAFIRA DO LIVRO "Exercícios de sua criação"

ESCREVER É ~~AS TÊMPERAS~~ POR PENAFIRA
AQUELE QUE AMAMOS

"Escrever é um campo de DEVIR" Deleuz
~~ESCREVER~~

~~ESCREVER~~

~~ESCREVER~~

~~ESCREVER~~

~~ESCREVER~~

~~ESCREVER~~

~~ESCREVER~~

~~ESCREVER~~

~~ESCREVER~~

~~ESCREVER~~

~~ESCREVER~~

"E
Escrever é sugar-se
de
Vida

Manoel de Barthes

Se escrever é sujar-se de vida é também um modo de seguir testemunhando por aquela que amo: Uma vida, sempre uma vida.

Figura 17 – Biografema: *Uma Vida em segunda chance*
Fonte: A autoria própria, 2018.

as vidas em biografema

a cena: manoel de barthes
***13.11.2014 † 12.11.1915**

Busco pelo túmulo da minha tia. É dia de finados e as flores de plástico parecem transpirar sob o sol intenso de uma primavera com ares de verão. Lembro apenas que a lápide de seu túmulo abriga-se na sombra de uma árvore gigante, cuja umidade produz um casaco de musgos de variados tons verdosos. Caminho apressadamente, quando me deparo com uma lápide que pensava ser a do túmulo dela. Curvo-me para ler o nome inscrito na lápide e num misto de surpresa e espanto li no dourado sobre o mármore negro: *Manoel de Barthes* *13.11.2014 † 12.11.1915. Pensei não ter lido corretamente as datas (possivelmente estavam trocadas, ninguém nasce no presente para morrer no passado). Se para as datas de nascimento e morte eu havia encontrado uma explicação plausível, a mesma plausibilidade não atendia ao nome *Manoel de Barthes*. Preciso soletrá-lo muitas vezes como um modo de retê-lo em meu corpo e tranquilizar a razão: *Ma-no-el-de- Bar-thes*, *Ma-no-el-de-Bar-thes*, *Ma-no-el-de-Bar-thes*; na medida em que repetia o nome inscrito na lápide, sou tomada por uma mistura de medo, espanto e curiosidade transmutado em um tipo de viscosidade que somente o estranhamento é capaz de pro-

duzir na gente. De onde mesmo conhecia essa *vida*? Ou seria mais adequado pensar de onde eu conhecia essa *morte*? A dúvida se instalou em mim e foi, então, que fantasiei estar diante de um túmulo que abrigava duas vidas: a vida de Manoel de Barros (o meu querido poeta das *inutilizas*) e a vida do crítico literário francês Roland Barthes (com quem havia tido tímidos encontros durante a graduação em Letras). Ali, fico em suspensão, lembro apenas de deixar escorregar as flores de plásticos sob os meus pés. Os mesmos pés que pareciam terem criado raiz no chão atapetado de folhas (mesmo sem entender como andei lentamente em direção ao portão de saída). Antes, porém, de cruzá-lo, olho para trás (não sem medo, mas com um traço de beleza que somente sentimos quando somos tocados pelo presente) e vejo um enxame de aranhas a beijar o casaco de musgos que protegia do sol e da chuva: Uma vida, sempre uma vida.

uma-vida-de-professora-pesquisadora

Não aguentava mais ser apenas uma vida que corrigia provas, escrevia no quadro, abria portas, fazia a chamada, puxava descarga, olhava ansiosamente para o relógio, respondia diariamente ao questionamento: “*o que terá de lanche hoje, sora?*”. Afinal, esperava tanto quanto as vidas-de-estudante pelo som de liberdade que o sinal pode propiciar a cada 50 minutos. Mesmo cansada, seguia explicando a lição que já havia decorado, apontava o lápis que não estava sem ponta

e acreditava sem contaminação de dúvida que o propósito da vida era suportar o insuportável, calar o incalável, respirar o irrespirável e, dessa forma, deixar o “eu devo” tomar uma vida, sempre ela, a vida.

Antesmente de a gente compreender de modo racional já temos uma percepção sensível que brota do fundo do nosso olhar; percepção aquosa que tende a diluir o “eu devo” de uma-vida-de-professora e, pelas lágrimas, que ao modo de escorrimento lírico tem dons para fazer diluição do *pesadume* (NIETSCHE, 2013) e da secura de uma vida útil.

Afinal, é na superfície da pele que abrigava o abandono trazido consigo, porque bem sabia que teria “que chegar enferma de [suas] dores de [seus] limites, e derrotas.” (BARROS, 1998 p.19), precisaria, pois, erguer [sua] própria Ruína (BARROS, 2000, p.31), para abrigar-se do abandono autoimposto e, assim, poder se fortalecer para o combate contra a monstruosidade de um camelo chamado dever.

Figura 18 – Biografema: uma-vida-de-professora-pesquisadora
Fonte: Autoria própria, 2018.

Ao modo de Zaratustra (NIETZSCHE, 2013, p. 31), a uma-vida-de-professora precisou habitar as três metamorfoses cujo caminho implica em três mudanças do espírito: de camelo para leão e, sendo leão, desvirtuar-se para criança. A primeira mudança tensiona o pesadume do respeito como valor para uma vida sacramentada pelo dever de salvamento do outro, pelo dever de ir esquecendo de si própria; reservando apenas a força para carregar nas costas os deveres do mundo da educação.

Não é de estranhar que essa uma-vida-de-professora “tornada besta de carga atira sobre si, todos os pedados fardos; e igual ao camelo, que se apressa para alcançar o deserto, também [...] se apressa para alcançar o seu deserto.” (NIETZSCHE, 2013, p. 32). Foi a ida ao deserto de suas dores que uma outra metamorfose se insinuou: a da transformação do “eu devo” em “eu quero”. Tal metamorfose insinua uma leveza e acolhe o encharcamento pelo sol a brilhar enquanto uma conquista a ser comemorada frente ao “tu deves”.

A libertação do pesadume engendra outro valor cujo signo é o “eu quero”, a insinuar uma recusa ao dever e a obrigação, pois que as “coisas parecem pesadas ao espírito, ao espírito robusto e paciente, imbuído de respeito. Pesadas e das mais pesadas é o que reclama aos gritos a sua força.” (NIETZSCHE, 2013, p. 31).

Embora exilada do dever, uma-vida-de-professora se mantinha ainda fixa e fixada na verdade do conhecimento, na

certeza de que o seu querer tudo pode. Afinal, exerce com domínio de quem experimenta o gosto doce e suave do “eu quero”. Esse novo sabor de vida situa-se nas margens do dever, que pode farejar uma outra força para a sua vida, a força do “eu quero”. O querer sendo mais leve, mais livre (pedagogicamente, teoricamente e pesquisadamente).

Se do “eu devo” para o “eu quero” temos uma mudança considerável, pois que implica em estabelecer com a vida uma relação de maior desejo e menor obrigação, uma vida-de-professora, vivendo sob os cuidados do “eu quero”, da liberdade de desejar, passa também a ser contaminada pelos encantamentos sempre sortidos no qual a “inocência é a criança, o esquecimento, novo começar, jogo, roda que gira sobre si mesma, primeiro movimento de santa afirmação” (NIETZSCHE, 2013, p. 32).

Nesse ponto, uma-vida-de-professora se metamorfoseia em uma vida-de-professora-pesquisadora. Uma vida que, em suas composições com o “eu devo”, com o “eu quero”, chega ao ponto de ser fonte de si mesma e busca no esquecimento uma força para viver uma vida-de-professora que já não pode se sustentar apenas do ensino, pois que descobre para si uma estrela toda estragada de vermelho que insiste em vir pingando vida por onde passa.

Descorre pela escritura que ler e escrever é condição quase inútil para viver uma vida, sempre uma vida entre outras. Se uma vida é sempre uma vida, uma língua orvalhada pela lite-

ratura é, pois, sempre uma língua a delirar. Tal delírio visa a tensionar as certezas de uma-vida-de-professora-pesquisadora que não escrevendo e não lendo, sabe como ninguém copiar e corrigir incessantemente a escrivência do outro, deixando a escritura para depois: adiando sua própria escritura e, desse modo, a sua vida.

Há quem diga que o culpado por tamanha incongruência é o tempo *Chronos*, sempre insuficiente para uma vida-de-professora que insiste em carregar o mundo nas costas e seguir sem contaminação de dúvida o caminho do deserto (NIETZSCHE, 2013); vidas que tomam para si a missão de salvar outras vidas (inclusive aquelas que não pediram e não desejam ser salvas) e imbuídas desse intento messiânico revestem-se de compromissos inadiáveis, preenchimento de formulários indispensáveis, elaboração de pareceres avaliativos, entrega de relatórios informativos, a fim de calar o grito preso na garganta que clama e reclama a leitura literária e a escrita como um modo de sobreviver a morte em vida.

uma vida-de-estudante

Das forças que habitam uma-vida-de-estudante, o início e o fim apresentam-se enquanto marcos definidores das possibilidades que essa vida carrega consigo. Preparar para o futuro, para o que pode vir (sempre em uma relação de falta, do que precisa ser feito para alcançar o tão sonhado sucesso: profissional, pessoal, cidadanal). Como a desconsiderar que uma vida, sempre uma vida, é imanência no aqui e no agora; não é, portanto, uma passagem para.

As possibilidades de uma-vida-de-estudante passam a ser orientadas, por vezes, pelo o signo da vocação, da herança genética, da habilidade, da competência e mesmo da pinta de nascença (às vezes, temos a presença de todos esses elementos juntos e misturados). Embora tais elementos apresentem-se como garantidores do sucesso de uma vida voltada para o futuro, uma-vida-de-estudante carece também do tempo presente, onde a vida, sempre uma vida, acontece.

Bem sei, contudo, que os tempos de hoje vem embalado a vácuo pela necessidade de utilidade e dificulta, quando não impede totalmente, que uma-vida-de-estudante possa também não estudar, pois que anseia pelos desconheceres das experimentações de folha seca: a folha do caderno, a folha da prova, a folha da chamada, a folha da árvore do pátio, a folha, a bolha, a rolha, a trolha, a bolha que explode em riso

É tão bela a frase porque irracional

Delírios

Michelle, Ca
Fotos, Uirapuru,
Luz, Pato, U
Vila, Uirapuru,
U, Cometa, U
Pato, U

Furiosa uma
"Vida de Estudante"?

1-GENTE
2-PAPEL
3-AC
4-NO

USO AL PALAVRA PARA
MEU FUTURO SILENCIO
NÃO GOSTO DELA,
PORÉM, AMO SEU BENEFÍ
PORTANTES,
DOU RESPEITO AS COIS

Eu sou um completo do como de todos. O universo
de meus pais que moravam nos centros de todos. Sentencie
que eu já decidia sobre no futuro. Que eu não quise
vir de fora, nem dentro de casa, nem dentro de minha terra.
Que eu quise ser poeta. Não queira ser poeta. Mas
que por mim confuso, minha mãe imbecil e cego. E não
meus irmãos mais velhos pagantes. SER POETA NÃO BOIA
GRANA EM CASA. MAS EU QUERIA SER POETA, NÃO DOCTOR.
MAS MEU IRMÃO INSISTIU DE NOVO: POETA NÃO TRAZ
PRA BOTA UM NESSE GURI, PARA ELE PARAR
DE VARIAR. A MÃE ABAIXOU A CABEÇA UM POUCO.
O PAI CONTINUOU MEIO CONFUSO, MAS NÃO BOTOU O

Amor da Terra. É que eles queriam encontrar nos ossos
que estavam enterrados por séculos naquele chão
perceber em escovar palavras. Porque eu havia ido em
falar ir e de dos clamores
que estavam guardados dentro das palavras

Amor da Terra. É que eles queriam encontrar nos ossos
que estavam enterrados por séculos naquele chão
perceber em escovar palavras. Porque eu havia ido em
falar ir e de dos clamores
que estavam guardados dentro das palavras

Amor da Terra. É que eles queriam encontrar nos ossos
que estavam enterrados por séculos naquele chão
perceber em escovar palavras. Porque eu havia ido em
falar ir e de dos clamores
que estavam guardados dentro das palavras

VIDA-DE-ESTUDANTE

MUITO DIFÍCIL VIDA-DE-ESTUDANTE
ENTRE TANTO
SINAL TOCOU
ULTIMA PREPARAÇÃO EU TIVE
GINAS TOCOU
FUI - PARA - CASA ESTUDAR
PARA A PROVA - DO - DIA - SEGUNDA ME PREPARAR

VIDA DE ESTUDANTE

Dispersidade, Seneca, a serena
Cabeça no, conta, a serena, a serena
Sala de aula, sono, viagem para o po
Seria como o percurso de uma palavra antes de
chegar ao poema.
A serena, a serena, a serena, a serena

5- LÓGICA: Por de
primamente um g
primária etc.) U
de determinação de

6- SÓFISMA: Argume
ou capricho.

7- DÚVIDA: Imortiza entre
julgamento ou a realidade

8- (OBEDECIA): S

9- DESORDEN: Falta de ordem
variação.

OU SERA
DEVE S

1. Uma simples composição o elemento principal.
2. Plano
3. A parte de tudo o polissêmico

quando o sinal toca e uma-vida-de-estudante parte com decisão e alegria para o vão do intervalo. Afinal, deixa para trás o grande ralo das *inutilidades* de uma vida (algo que a sala de aula sabe assumir tão bem).

Nesses momentos, ínfimos, sutis, enxertados pela *inutilidade* que o descanso e o descaso frente à escrivência (BARTHES, 2013) faz insinuar outros possíveis com a leitura literária e com a escrita. Possíveis que fantasiam, por exemplo, o professor-pesquisador Manoel de Barthes de longos vestidos verdes, a ser nomeado para a cátedra de Semiologia Literária do Colégio de França lá no Rio de Janeiro. Vestido de vida, o professor-pesquisador experimenta devires femininos pela escritura biografemática.

Ora, na medida em que a escritura abre espaço para que uma-vida-de-estudante possa também ler e escrever para nada; permitindo outros comportamentos (BARROS, 2000) para o caderno, para a mochila, para a caneta, para a escrita que não vale nota, para as anotações do quadro; enfim para uma-vida-de-estudante, sem fins, só com os confins do nada; uma vida sempre uma vida pode irromper em meio à escritura.

Figura 19 – Biografema: uma-vida-de-estudante

Fonte: A autoria própria, 2018.

Figura 20 – Biografema: uma-vida-de-estudante-escola

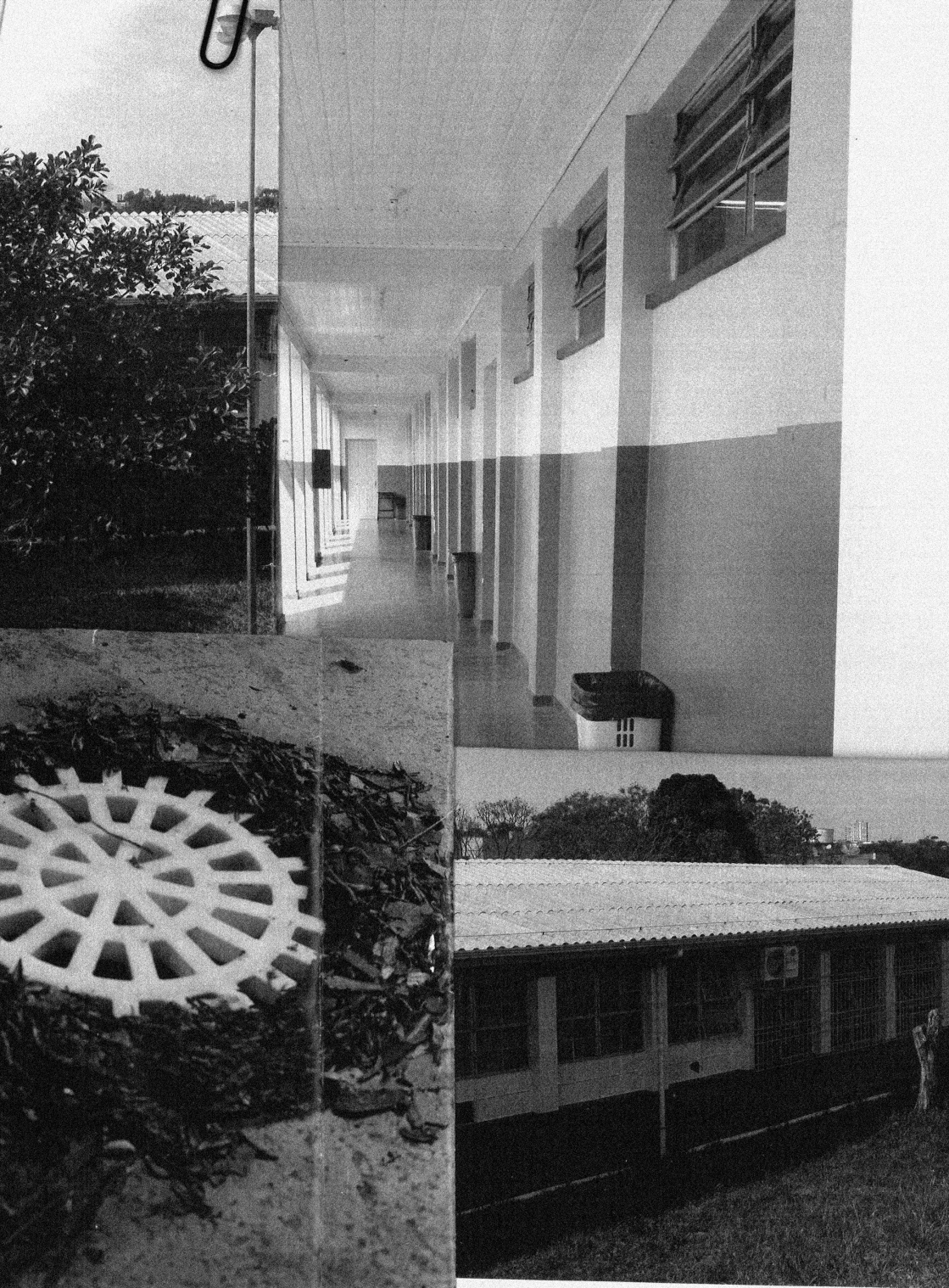
Fonte: A autoria própria, 2018.

io de Classe

Período: Primeiro Trimestre

Turma: 203
Aulas Dadas:

[illegible]



Talvez seja mais apropriado afirmar que, em se tratando de uma vida, a linha do tempo é feita também de muitos “nós”: o do substantivo, mas também e, sobretudo, dos “nós” pronome, com o qual estabelecemos relações, tecemos redes que nos tiram da linha (ainda bem) e nos colocam em um emaranhado de fios que se conectam e desconectam, fazendo-nos transitar por tantos outros devires. Colocar em linha reta uma vida que se faz com e pelos desvios, curvas, deslocamentos, isto é, uma vida que se move diante do vivido.

Não por acaso, uma linha do tempo é pouco para dar visibilidade aos devires tão abundantes quanto caóticos de uma-vida-de-estudante. Mas a linha tem dons de organizar o caos e nela situar as fantasias de começo, meio e fim. Elaborar uma linha do tempo para uma-vida-de-estudante é constituir um espaço para poder nela abrigar os eventos

importantes e também dissonantes de uma vida. Uma vida que não vive dos grandes eventos, mas também das singularidades que ganham contornos de invisibilidade por serem apenas *inutilidades* de uma vida, ou seja, por não estarem apropriadas para grandiosidade, para os grandes fatos que toda a vida abriga. Nesse sentido, uma vida-de-estudante está mesmo muito mais apropriada para se constituir de emaranhados do que de linhas retas.

Assim, quando uma-vida-de-estudante, mesmo sem querer e saber vai habitar a escritura, está, pois, habitando um espaço movente e movediço, cujos traços fazem essa vida transitar entre a história e o futuro, ou seja, entre o passado e a promessa do que pode vir a ser; sem, contudo, sair do presente. Afinal, a intransitividade que constitui a escritura não nos acena com um lugar idílico a ser alcançado no futuro.

uma-vida-de-professor-pesquisador

No ermo de seus olhos, um mundo de *inutilidades* se instaurou. Uma vida que brincava mais com as palavras do que com os brinquedos que não possuía; fez, como ninguém, a língua delirar ao fazer experimentação com a leitura literária e com a escrita. Experimentações de dons sortidos: o primeiro dom permite ler e escrever para nada; o segundo, não menos importante, faz a escritura alargar mundo. Aliás, essas e outras experimentações com o ler e o escrever podem ser encontradas no livro *Biografemas: uma vida de inutilidade* (BARTHES, 1981, p. 66).

Para aumentar o mundo, sair à cata de seus trapos, soberbas, restos, dejetos e lonjuras. Tal catação implica em engendrar uma língua orvalhada pela literatura, que inscreve pela escrita e pela leitura literária escapes, os deslocamentos e a ironia (à moda francesa, claro). Aliás, os ouvintes de seus cursos no Colégio de França sabiam identificar pelo olhar de tédio e enfado o signo de cansaço da vida acadêmica. Mas nessas situações alguns deslocamentos por Paris no calar da noite agiam de forma muito eficiente.

Figura 21 – *Biografema: uma vida que segue*
Fonte: Autoria própria, 2018.

sei, e que me re-escrava! — de joure, de muito joure — que sãos: Comemal-mes! Que reio! Eu uso muito omis sornção e uso

outra enunciação, sem saber jamais se é de meu passado ou do meu presente que falo. Lanço assim sobre a obra escrita, sobre o corpo e o *corpus* passados, tocando-os de leve, uma espécie de *patchwork* uma cobertura tapacalçada feita de quadradinhos convulsos. Longe de aprofundar, permaneço na superfície, porque desta vez se trata de "mim" (do Eu) e porque a profundidade pertence aos outros.

MANUEL
DE
BARTES

INVERTED
ARRASTAM
T^{OS}
TRACASSO,
inclusive ANDRE

[illegible]

Observações: Nada consta. UMA VIDA, SEMPRE

(separadamente foi feito no Cemitério Parque, nesta cidade.

12.11.1915
X10+8 NOV. 1915

do sexo feminino, natural de Coxias do Sul, Rio Grande do Sul, com nove filhos, nascidos em

Certifico que as fls. 184-F do livro nº 67 do registro de óbito foi lavrado
em 17 de [redacted] e 05 minutos no [redacted] de [redacted] de [redacted]

ÓBITO n.º 22.384

Registrierter Civil
Notkel Verwalter Fachbau
Registrierdum Sobst.

REGISTRO CIVIL DE PESSOAS NATURAIS E DE INTERDIÇÕES E TUTELAS
DA 2ª ZONA DA CIDADE DE CAXIAS DO SUL
CARLOS ALBERTO BRAHNER



POLAROID

ESTÁDIO DO RIO GRANDE DO SUL

POESIA: A VIRTUDE DO Inútil



~~PARADOX~~ DA VIDA
DA
VIDA
Cromosomas
Salveiros
múltiplos
dos
Sonhos

Sanatório
Jésus
Sennar
ATROPELAMENTO

CIP-Brasil. Catalogação-na-Fonte
Câmara Brasileira do Livro, SP

W662r
BASTRES, Manuel, 2014-1915
~~Guerra de 1914-1918~~ / *Manuel de Bastres* / Oscar Wilde ; tradução de Oscar Mendes. — São Paulo : Abril Cultural, 1981.

music
A. H. H. H.

Biografía: una vida de inútiles

81-0497 CDD-823

Índice para catálogo sistemático:
1. Romanos / ~~Historia~~ **823**

. Roman **650**: ~~1963-1964-1965-1966-1967-1968-1969-1970-1971-1972-1973-1974-1975-1976-1977-1978-1979-1980-1981-1982-1983-1984-1985-1986-1987-1988-1989-1990-1991-1992-1993-1994-1995-1996-1997-1998-1999-2000-2001-2002-2003-2004-2005-2006-2007-2008-2009-2010-2011-2012-2013-2014-2015-2016-2017-2018-2019-2020-2021-2022-2023~~

Viveu todas as infâncias que pôde, mesmo quando internado em um sanatório e depois no internato do Rio de Janeiro, em ambos os casos, buscava pela cura; nesse da ignorância e daquele da tuberculose. A reclusão germinou nele o compromisso diário de fechar-se em seu quarto de ser inútil e soltar o terreno baldio da imaginação em caderninhos confeccionados por ele mesmo, os seus blocos de notas. O mesmo compromisso que reverberou em suas pesquisas como titular da cadeira de Semiologia Literária no Colégio.

Aliás, foi o trabalho como crítico literário que possibilitou habitar importantes espaços institucionais franceses de ensino e pesquisa, como, por exemplo, o Centro Nacional de Pesquisa Científica (CNRS), a Escola Prática de Altos Estudos da Sorbone, até chegar a tomar posse na nova cadeira de Semiologia Literária, sempre no Colégio. Nesse lugar,

considerado fora do poder, a sua voz pausada, serena e tranquila, revestida de elegância se mistura ao tédio sempre presente quando a *doxa* instauradora das certezas do mundo, insiste em aparecer. Nesses momentos, do ermo azul de seus olhos brotam as ancestralidades machucadas de um passado que se mistura ao presente; fazendo-o lembrar da ternura, do carinho e do cuidado de uma família que viveu as perdas da primeira guerra.

Brotam também o desejo sempre premente de imprimir pela escritura deslocamentos em relação ao modo de pensar a literatura e seus atravessamentos com a leitura e com a escrita. Atravessamentos que, por sua vez, estabeleceram pela escritura uma relação de amor com essas práticas.

as conclusões

Uma vida. Sempre uma vida que brinca em meio aos (im)possíveis orvalhados pela leitura literária e pela escrita. A vida-de-professora-pesquisadora tramou, antesmente de saber se seria possível, viável ou desejável, um combate, cujo alvo é a redacionalização das vidas-de-estudante.

A redacionalização que toma o ler e o escrever *apenas* como instrumento de comunicação de mensagens, argumentação de ideias, apresentação de soluções e, quando não for possível seguir sendo somente uma ferramenta de variadas utilidades; poder – quem sabe – deixar-se tocar pela leitura de um conto ou poesia; desde que se possa, ao final, interpretá-lo ao modo de questionário. Garantindo, assim, pela nota, o equilíbrio da contabilidade *notal* de uma-vida-de-estudante.

Para o engendramento de um combate de proporções mínimas e minúsculas, diante das *inutilidades*, os atravessamentos redacionais que tomam as vidas-de-estudante ao longo de todo o Ensino Médio, foi preciso instaurar experimentações em *uma* escola da rede estadual do Rio Grande do Sul, em *uma* sala de aula, com *uma* turma, a 203. Abrigadora de incongruências verbais, aferições linguais e vaginações letrais; pois bem, diante de variados e variantes sortimentos de uma-vida-de-estudante, uma língua escritural engendra escapes que toma

a folha de papel A4 para biografemar os fósseis de saudade, os fósseis do bloco e os fósseis da atenção sempre ao modo escritural, cuja atenção encardida pelas *inutilezas* tem dons de perder-se no ler e no escrever enquanto devir.

Tive como objetivo de pesquisa biografemar as *inutilezas* dessas experimentações com a leitura literária e com a escrita em uma oficina orvalhada pela escritura ao modo biografemático. Intentei ler e escrever com uma vida. Sempre uma vida. No entanto, a fim de tramar também uma conclusão dos fósseis experimentais vividos em meio a essa pesquisa, me deparo com as impossibilidades de comprovar *evidencialmente* que as *inutilezas* das práticas de leitura literária e escrita foram, de fato, biografemadas com sucesso (sucesso, sempre ele a nos contaminar pelas benesses de um futuro).

Não tenho provas ou evidências que possam confirmar, sem contaminação de dúvida, o êxito do objetival de pesquisa; na medida em que pude trazer como os resultados e resultantes *apenas* os fluxos de uma vida. Afinal, biografemar as *inutilezas* de uma língua, demanda das vidas em biografema (uma-vida-de-professora-pesquisadora, uma-vida-de-estudante e uma-vida-de-professor-pesquisador) comportamentos contaminados de fracasso, inclusive de músicas (DYLAN, 2013, p. 51);

Uma-vida-de-professora-pesquisadora decidiu que, para viver uma vida ao modo escritural, seria preciso matar o com-

panheiro dos *pesadumes* de antes mesmo de nascer, o Senhor Camelo, cujas respeitosas e volumosas corcovas carregam consigo os dons utilitários de uma vida: uma vida do “tu deves”.

Mata, pois, o Senhor Camelo não apenas para poder escuritar as *inutilidades* de uma vida, mas também para trazer da morte em vida uma-vida-de-professor-pesquisador, a vida de Manoel de Barthes. O morto-vivo Manoel de Barthes tingiu uma-vida-professora-pesquisadora com o escorrimento lírico crianceiro; algo muito próximo ao desremelar da vocação utilitária.

Afinal, viver uma vida ao modo escritural exige coragem e somente pela morte do “tu deves” enquanto um gesto escritural pode ser possível brincar *no* e com o terreno baldio que habita cada um de nós. Terreno que, tomado pelo capim das *inutilidades* de uma vida, não permite a proliferação de ideias, mas vê viçar, com os rastros de escorrimento lírico, chuvas, tardes, ventos e teias. Sim, elas, as teias de dons sortidos tramam pela escritura-biografemática os fracassos de uma vida. Sempre uma vida.

Embora saiba que, ao final das experimentações engendradas pelo combate à redacionalização da vida, grandes transformações não acontecerão nas práticas de leitura literária e escrita que seguem seu destino instrumental com leitura de proposições e outros afins gramaticais.

Apesar disso, ou, em razão disso, posso intuir as dúvidas e

os estranhamentos que contaminaram não apenas uma-vida-de-professora-pesquisadora, pois que essas experimentações podem, muito bem, ter contaminado também as vidas-de-estudante a fim de fazê-las não estudar e aumentar os sortimentos de dúvidas acerca da preparação para o futuro. Certezas de utilidade que ganham contornos de garantia de um futuro muito bem engendrado pelas vidas-clichês: Maternidade, Sucesso, Sonho, Infância, Sortidos e Uma Vida.

Pois bem, ao final, uma-vida-de-professora-pesquisadora toma os fluxos das vidas-clichê sem esquecer que mesmo, ou melhor, em meio a eles, que as *inutilidades* também irrompem, quase sempre, ao modo dos musgos que buscam nas ranhuras e fissuras do concreto asfáltal um escape para uma vida que pede passagem, mas não autorização; pois viver uma vida em biografema não demanda autorização, apenas a decisão de *ainda* escriturar quando parecer impossível ou quando tal prática parecer ser reservada somente para quem desfruta de dons de uma-vida-de-escritor ou da escrevência redacional nota 1000 de uma vida.

Chegar ao fim de uma pesquisa. Colocar um ponto final nos fósseis vividos na oficina de escritura-biografemática implica também em disparar novos começos para as vidas em biografema implicadas com as experimentações do ler e do escrever. Nesse sentido, uma-vida-de-professora-pesquisadora planeja para o início do ano letivo de 2019 (em data a ser definida junto a direção da escola e ao Programa de Pós-Graduação Educação da Universidade de Caxias do Sul)

realizar um encontro para a socialização dos resultados de pesquisa.

Nesse encontro organizado ao modo de coquetel um exemplar da pesquisa, ou seja, do *livreto-biografemático* será doado para a escola oportunizando as vidas-de-estudante e também a comunidade escolar ter à mão as *inutilidades* das escrituras-biografemáticas da turma 203. Além do exemplar doado, outros exemplares poderão ser adquiridos pelas vidas-de-estudante, pelos professores e pelo público interessado em encharcar-se com as *inutilidades* de uma vida em biografema. Toda a renda será destinada ao grupo de pesquisa *ComJunto-JuntoCom* que semanalmente realiza atividades de leitura literária e escrita na praça Dante Alighiere na cidade de Caxias do Sul.

O Encontro: os Resultados e as Resultantes das *Inutilidades* de uma Pesquisa, acontecerá na Universidade de Caxias do Sul e tem por intenção objetival, além da socialização dos resultados da pesquisa, a constituição de um espaço de encontro *com* as vidas-de-estudante e as vidas-acadêmicas (professores, mestrandos, doutorandos). Um espaço cuja zona de vizinhança seja também povoada de rastros de escritura, de escorrimento lírico, de chuvas, tardes, ventos e teias.

Por fim, mas não finalmente, em meio aos signos do fracasso que uma-vida-de-professora-pesquisadora arrasta consigo, uma entre tantas alegrias que é pesquisar junto às vidas-de-estudante de uma escola pública em tempos tão difíceis, cujas incertezas democráticas e a intensificação das múltiplas

misérias nos impele a seguir combatendo, está, pois, também na disposição de engendrar outros-novos-velhos combates com a leitura literária e a escrita de modo a orvalhar teias e rastros de musgos com ainda mais *urgência, lindeza e cuidado*, pois não há como seguir lendo e escrevendo sem se contaminar por *outras inutilizas*, em *outros* espaços, com *outras* vidas, inclusive uma vida, sempre uma vida.

Figura 22 – Biografema: uma vida que segue escriturando
Fonte: Autoria própria, 2018.

Figura 23 – Biografema: assinatura de Manoel de Barthes
Fonte: Autoria própria, 2018.





Até breve,

Manoel de Barthes

C. do Sul, primavera de 2018.

referências

ABAURRE, Maria Luiza M.; ABAURRE, Maria Bernadete M.; PONTARA, Marcela. **Português: contexto, interlocução e sentido**. 2ª. ed. São Paulo: Moderna, 2013. 512 p.

BARROS, Manoel de. **Ensaaios fotográficos**. Rio de Janeiro: Record, 2000. 66 p.

BARROS, Manoel de. **Gramática expositiva do chão**. 5ª. ed. Rio de Janeiro: Record, 2004. 53 p.

BARROS, Manoel de. **Livro sobre o nada**. 4ª. ed. Rio de Janeiro: Record, 1997. 85 p.

BARROS, Manoel de. **Matéria de poesia**. 5ª. ed. Rio de Janeiro: Record, 2001. 69 p.

BARROS, Manoel de. **Memórias inventadas para crianças**. São Paulo: Editora Planeta, 2010. 32 p. Iluminuras de Martha Barros.

BARROS, Manoel de. **Poemas concebidos sem pecado**. 3ª. ed. Rio de Janeiro: Record, 1999. 78 p.

BARROS, Manoel de. **Retrato do artista quando coisa**. Rio de Janeiro: Record, 1998. 81 p.

BARTHES, Manoel de. **Biografema**: uma vida de *inutiliza*. São Paulo: Abril Cultural, 1981. 100 p. Oscar Mendes.

BARTHES, Roland. **A câmara clara**: nota sobre a fotografia. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2015. 2015 p. (Coleção 50 anos). Tradução Julio Castañon Guimarães.

BARTHES, Roland. **A preparação do romance II**: a obra como vontade: notas de curso do Collège de France 1979-1980 / Roland Barthes; texto estabelecido e anotado por Nathalie Léger. São Paulo: Martins Fontes, 2005. 475 p. (Coleção Ro). Tradução Leyla Perrone-Moisés.

BARTHES, Roland. **Aula**: aula inaugural da cadeira de semiologia literária do Colégio de França, pronunciada dia 7 de janeiro. São Paulo: Cultrix, 2013a. 107 p. Tradução e pós-fácio de Leyla Perrone-Moisés.

BARTHES, Roland. **Crítica e Verdade**. São Paulo: Perspectiva, 2013b. 231 p. Tradução Leyla Perrone-Moisés.

BARTHES, Roland. **O grau zero da escrita**: seguido de novos ensaios críticos. 2ª. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004. 225 p. (Coleção Roland Barthes). Tradução de Mario Laranjeira.

BARTHES, Roland. **O rumor da língua**. 3ª. ed. São Paulo: Wmf Martins Fontes, 2012. 462 p. (Coleção Roland Barthes). Tradução Mario Laranjeira.

BARTHES, Roland. **Roland Barthes por Roland Barthes**. São Paulo: Estação Liberdade, 2003. 214 p. Tradução Leyla Perro-

ne-Moisés.

BARTHES, Roland. **Sade, Fourier, Loyola**. São Paulo: Martins Fontes, 2005. 225 p. (Coleção Roland Barthes). Tradução Mario Laranjeira; revisão da tradução Andréa Stahel M. da Silva.

BARTHES, Roland. Escritores e escreventes. In: BARTHES, Roland. **Crítica e verdade**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1970. p. 31-39. (Debates Perspectiva).

CORAZZA, Sandra Mara (Org.). **Fantasia de escritura**: filosofia, educação, literatura. Porto Alegre: Sulina, 2010. 174 p.

CORAZZA, Sandra Mara. Pesquisa empírica-transcendental da diferença: arquivo, escritura e tradução de dados. In: CORAZZA, Sandra Mara (Org.). **Docência-pesquisa da diferença**: poética de arquivo-mar. Porto Alegre: Doisa; Ufrgs, 2017. p. 274-291.

CORAZZA, Sandra Mara; AQUINO, Julio Groppa (Org.). **Dicionário das ideias feitas em educação**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011. 175 p. Ilustrações Mayara Martins.

CORAZZA, Sandra Mara; OLIVEIRA, Marcos da Rocha; ADÓ, Máximo Daniel Lamela (Org.). **Biografemática na educação**: Vidarbos. Porto Alegre: Ufrgs;doisa, 2015. 187 p.

COSTA, Luciano Bedin da. **AINDA ESCREVER**: 58 Combates para uma política do Texto. São Paulo: Lumme Editor, 2017. 74 p. (Móbile - Coleção de míni-ensaios).

COSTA, Luciano Bedin da. **Estratégias Biográficas**: o biogra-

fema com Barthes, Deleuze, Nietzsche e Henry Miller. Porto Alegre: Sulina, 2011. 175 p.

DELEUZE, Gilles. A imanência: uma vida. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 2, n. 27, p.10-18, jul./dez. 2002. Quadrienal. Disponível em: <<https://seer.ufrgs.br/educacaoerealidade/issue/view/1574/showToc>>. Acesso em: 08 out. 2018.

DELEUZE, Gilles. A literatura e a vida. In: DELEUZE, Gilles. **Crítica e Clínica**. São Paulo: Ed. 34, 2004. p. 11-16.

DELEUZE, Gilles. **Espinosa e o problema da expressão**. São Paulo: Editora 34, 2017. 432 p. (Coleção TRANS). Tradução de GT Deleuze - coordenação Luiz B. L. Orlandi.

DYLAN, Bob. Bob Dylan dirige-se aos seus contemporâneos. In: QUINTAIS, Luís. **Depois da música**. Lisboa: Edições Tinta-da-china, 2013. p. 50-51.

FEIL, Gabriel Sausen. O simulacro e o biografema: de A a Z. In: CORAZZA, Sandra Mara. **Fantasia de escritura: filosofia, educação, literatura**. Porto Alegre: Sulina, 2010. p. 79-91.

GALLO, Silvio. Filosofias da diferença e educação: revezamento entre teoria e prática. In: CLARETO, Sônia Maria; FERRARI, Anderson (Org.). **Foucault, Deleuze e Educação**. Juiz de Fora: Ed. UFJF 2010. p. 49-63. (Caminhos da pesquisa educacional, 9).

GUERRA, Pedro. **Vício**. Caxias do Sul: Edição do Autor, 2018. 152 p.

LISPECTOR, Clarice. **Clarice Lispector: todos os contos**. Rio de Janeiro: Rocco, 2016. 654 p. Prefácio de organização de Benjamim Moser.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles. **Minidicionário Houaiss da língua portuguesa**. 3ª. ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009. 923 p.

NICOLA, José de; INFANTE, Ulisses. **Gramática contemporânea da língua portuguesa**. 2. ed. São Paulo: Editora Scipione, 1989. 469 p.

NIETZSCHE, Friedrich. **Assim falava Zaratrusta**: um livro para todos e para ninguém. 2ª. ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2013. 404 p. (Vozes de Bolso). Tradução de Mário Ferreira dos Santos.

NIETZSCHE, Friedrich. **Genealogia da Moral**: uma polêmica. São Paulo: Companhia das Letras, 2009. 169 p. Tradução, notas e pós-fácio Paulo César de Souza.

PERRONE-MOISÉS, Leyla. **Roland Barthes**: o saber com sabor. 2ª. ed. São Paulo: Brasiliense, 1985. 110 p. (Encanto Radical).

PERRONE-MOISÉS, Leyla. **Texto, crítica e escritura**. São Paulo: Ática, 1978. 158 p. (Ensaio 45).

RODRIGUES, Carla Gonçalves (Org.). **Caderno de Notas 5 Oficina de escrituras**: arte, educação, filosofia. Pelotas; RS: Editora Universitária/Ufpel, 2013. 252 p. (Coleção Es).

SCHULER, Betina; MATOS, Sônia Regina da Luz; CORAZZA, Sandra Mara (Org.). **Caderno de Notas 6:** Experimentações de escrita, leitura e imagem na escola. Porto Alegre: Ufrgs; doisa, 2014. 178 p.

SÓ Dez por Cento é Mentira. Direção de Pedro Cezar. Produção de Pedro Cezar, Kátia Adler, Marcio Paes. Roteiro: Pedro Cezar. Música: Márcio Kuzka. 2010. (81 min.), P&B. Depoimentos: Manoel de Barros, Bianca Ramoneda, Joel Pizzini, Abílio de Barros, Palmiro, Viviane Mosé.

VERÍSSIMO, Érico. **Ana Terra**. 3^a. ed. São Paulo: Cia. das Letras, 2005. 110 p.

The first part of the paper discusses the importance of understanding the underlying structure of the data. This is particularly relevant in the context of machine learning, where the model's performance is heavily dependent on the quality and structure of the input data. The second part of the paper focuses on the development of a new algorithm for handling missing data. This algorithm is designed to be robust to various types of missingness and to provide accurate estimates of the underlying parameters. The third part of the paper presents the results of a simulation study, which demonstrates the effectiveness of the proposed algorithm in a variety of scenarios. Finally, the paper concludes with a discussion of the implications of the findings and suggestions for future research.

